



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**CONTROLE DO FEMININO NA MÍDIA:
UMA PROPOSTA SOBRE SÍNDROME DE ESTOCOLMO**

Bianca Yonamine

Rio de Janeiro/RJ

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**CONTROLE DO FEMININO NA MÍDIA:
UMA PROPOSTA SOBRE SÍNDROME DE ESTOCOLMO**

Bianca Yonamine

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr^a Liv Sovik

Rio de Janeiro/RJ

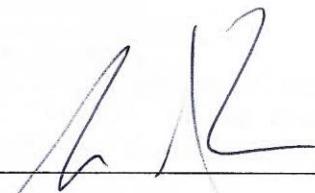
2016

**CONTROLE DO FEMININO NA MÍDIA:
UMA PROPOSTA SOBRE SÍNDROME DE ESTOCOLMO**

Bianca Yonamine

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

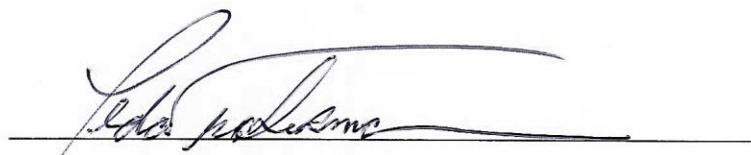
Aprovado por



Prof. Drª Liv Sovik – orientadora



Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz



Prof. Drª Ieda Tucherman

Aprovada em: 10/03/2016

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/RJ

2016

YONAMINE, Bianca.

Controle do Feminino na Mídia: Uma proposta sobre síndrome de Estocolmo / Bianca Yonamine – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

71f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação em Radialismo, 2016.

Orientação: Prof. Dr^a. Liv Sovik

1. Controle do Feminino. 2. Síndrome de Estocolmo. 3. Sociedade de Controle. 4. Feminismo. I. Sovik, Liv. II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Controle do Feminino na Mídia: Uma proposta sobre síndrome de Estocolmo

Para minha mãe, a grande mulher da
minha vida e a mais forte que já
conheci.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor e por todo o apoio que me permitiram sair de casa para cursar a Escola de Comunicação. Obrigada mãe, por toda sua força e independência que me foram de exemplo para ultrapassar barreiras de gênero e lugar social. E me ensinou algo que ninguém pode estabelecer: o nosso lugar é onde queremos estar. E obrigada pai, por ser meu maior exemplo de integridade e honestidade.

Aos meus irmãos, que me ensinaram a sobreviver às adversidades do mundo e pelo carinho mesmo que em cidades distantes.

Aos meus amigos do Kendo, minha segunda família, pela amizade não só nas artes marciais, mas na trajetória da vida.

Aos colegas da EC3 2011.1, meus primeiros amigos no Rio de Janeiro e a melhor turma da ECO, que me apresentaram ao verdadeiro companheirismo e me ajudaram a abrir os olhos para lutar por uma realidade social mais igualitária.

Aos meus colegas de casa, João Ker e Amanda Dea, que estiveram não só presentes desde o primeiro dia da faculdade, como também na vida independente. E à Gabriela Leal, que se juntou a nós durante esse caminho, dividindo a casinha e a amizade.

À minha amiga Rachel Queiroz, que além dos 16 anos de amizade, foi peça fundamental para as pesquisas referentes à psicologia neste trabalho.

Aos amigos Bruna Aguiar, Heitor Coelho, Rafael Drumond, Júlio Neto e Lucas Nabeshima pelas revisões de normas e referências, sugestões de leituras, debate de ideias e companhia de estudos.

Ao meu companheiro, Ricardo Schmidt, por ser sempre tão doce e tão compreensivo. Por ser a calmaria das minhas tempestades e estar sempre ao meu lado. Por todo o amor.

À Ieda Tucherman e ao Paulo Vaz por fazerem parte da minha banca neste semestre conturbado de 2015.2.

E à minha orientadora querida, Liv Sovik, pelo incentivo, por dizer que era possível e por ser a primeira pessoa a acreditar nesse trabalho.

YONAMINE, Bianca. **Controle do Feminino na Mídia:** Uma proposta sobre síndrome de Estocolmo. Orientadora: Liv Sovik. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 71f.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as formas de controle do feminino que transparecem nas mídias e que permeiam a sociedade contemporânea. A motivação é compreender quais as razões que levam os oprimidos a adotarem e corroborar o discurso hegemônico. A partir de uma proposta de que as mulheres podem sofrer de uma síndrome de Estocolmo generalizada na sociedade patriarcal, os fundamentos teóricos de controle e poder incorporados na sociedade são analisados. Então refletimos sobre como funciona essa síndrome, esmiuçando seu histórico e sua utilização pela mídia, e quais são os mecanismos de sobrevivência que atuam em uma pessoa dentro de um contexto de opressão, seja ela física, como em sequestros, seja na forma análoga, como uma sociedade de controle. A observação de casos midiáticos contemporâneos ajudará a elucidar de que forma o controle do feminino pode ser fundamental para a lógica de consumo.

Palavras-chave: Controle do feminino; Sociedade de Controle; Autovigilância; Síndrome de Estocolmo; Pós-modernidade; Feminismo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	SOBRE CONTROLE SOCIAL	14
2.1	A igualdade do homem natural	14
2.2	Sociedade disciplinar como reguladora do indivíduo.....	17
2.3	Sociedade de controle como reguladora das maiorias.....	22
2.4	Controle do feminino	26
3	A SÍNDROME DE ESTOCOLMO	35
3.1	O episódio original	35
3.2	Natascha Kampusch	39
3.3	Síndrome de Estocolmo como forma de controle.....	47
4	CONTROLE DO FEMININO NA MÍDIA	57
4.1	A traição de Fabíola.....	57
4.2	As fotos vazadas de Carolina Dieckmann.....	58
4.3	A conivência da Acid Girl	58
4.4	A recusa do feminismo de Fernanda Torres	59
4.5	O que os casos dizem sobre controle da mulher.....	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Antigamente, com a mobilidade mais limitada, era mais comum que as trocas de informações ocorressem dentro de determinado contexto: entre a família, amigos, vizinhos ou em alguma instituição como escola ou trabalho. O que fazia os debates transitarem entre pessoas de maior proximidade social, tanto geograficamente, como economicamente, portanto, de maior coesão de opiniões. Com o advento da internet e das novas mídias, a possibilidade de comentar sobre as notícias e debater de forma horizontal com pessoas desconhecidas de diversos lugares e níveis sociais tornou-se mais fácil. Portanto, a divergência de opiniões ficou mais evidente.

Navegando em portais de notícias, especialmente quando o assunto era alguma agressão sofrida por uma mulher, observei alguns tipos de comentários de leitores que me deixaram intrigada: não importa o tamanho da violência sofrida, a quantidade de comentários – vindos de ambos os gêneros – atribuindo culpa a vítima é alarmante.

Foi pela observação de tais comentários feitos por mulheres – comentários estes que são tão preocupantes quanto controversos – que o presente estudo foi motivado. Procurava entender porque mulheres são capazes de rechaçar outras mulheres em situações em que elas mesmas poderiam ser vítimas. Ainda que estes comentários feitos por homens também não sejam aceitáveis, eles são compreensíveis de alguma forma quando pressupomos que a conduta padrão das pessoas seja manter seus próprios privilégios. Se homens culpam a vítima é devido à falta de empatia, visto que dificilmente encontrariam uma situação em que poderiam ser essa vítima, mas o mesmo não ocorre no caso das mulheres. Quando elas criticam outra mulher por alguma atitude, estão automaticamente censurando-se também. Culpar uma vítima por um estupro faz parte de um processo de tirar a culpa do criminoso. E outras mulheres ainda dizem que se a vítima estivesse em casa cuidando da família ou não estivesse usando determinadas roupas, o estupro não teria acontecido. No entanto, de acordo com dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 70% dos casos de estupro são cometidos por pessoas que a vítima conhece: parentes, namorados, amigos ou colegas¹. Esses dados contradizem o pensamento popular de que existem fatores pré-concebidos em que a conduta da vítima facilite a agressão ou que estupros são cometidos apenas por homens esquisitos escondidos em becos escuros. As estatísticas provam que não é assim.

¹ Dados do IPEA sobre violência de gênero:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21849

É possível perceber, por conseguinte, que o comportamento feminino de culpar as vítimas e ditar a conduta de outras mulheres não se restringe apenas aos comentários de portais de notícias, ele é sintomático de que o machismo está entranhado em diversas situações cotidianas. Desde situações simples como mães ensinando aos filhos que meninas devem vestir rosa e meninos, azul, a mulher está constantemente sendo julgada por outras e por ela mesma.

Diante disso, eu precisava buscar uma explicação lógica para a ocorrência de uma aparente contradição: como as maiores vítimas de uma sociedade patriarcal e machista são capazes se posicionar de maneira que desfavoreça a elas mesmas?

Eis que em uma disciplina da faculdade chamada Comunicação, Psicologia e Cognição, ministrada pelo professor Paulo Vaz, durante a pesquisa de um trabalho sobre identidade que abordava o processo do comportamento de culpa no indivíduo, a síndrome de Estocolmo me chamou muita atenção. Esta síndrome é conhecida na mídia por ser desenvolvida em pessoas que sofreram violência durante um tempo prolongado, geralmente mantidas em cativeiro, como em sequestros. A teoria da síndrome diz que as vítimas interiorizam essa violência através de mecanismos de sobrevivência e um desses mecanismos é a empatia com o algoz, resultando em uma opinião positiva da vítima em relação àquele que exerce a violência contra ela e muitas vezes até mesmo a própria vítima acaba por cooperar com o crime.

Dessa forma, pensei em uma analogia entre a síndrome de Estocolmo e sua vítima, e a sociedade patriarcal e as mulheres. Pareceu-me ser uma teoria plausível e explicativa para o dúvida comportamento feminino de ser conivente em situações que prejudicam as próprias mulheres. Ora, se uma mulher é capaz de afirmar que outra *mereceu* algum tipo de violência em decorrência da roupa que estava usando, ela só poderia estar sob uma espécie de síndrome de Estocolmo generalizada. Como se o fato de ter nascido e sido criada dentro de uma sociedade patriarcal, automaticamente compeliria a mulher a desenvolver a síndrome. Portanto um pensamento machista seria o discurso natural que a mulher reproduziria inconscientemente para se proteger dentro de uma sociedade que a agride até nas mínimas ações. Minha proposta original então era de que mulheres reproduziam discursos machistas como resultado de uma síndrome de Estocolmo generalizada. Em suma, a síndrome de Estocolmo seria um transtorno social que funcionaria como um mecanismo de sobrevivência inconsciente da mulher dentro de um sistema opressor, ao qual ela não pode escapar.

Durante as pesquisas iniciais, houve algumas constatações. Pelo ponto de vista da vítima, a síndrome de Estocolmo tem quatro principais condições para ser desenvolvida: 1) A

percepção de ameaça à sua sobrevivência; 2) A percepção da impossibilidade de escapar; 3) A percepção de alguma pequena gentileza do captor em um contexto de terror; 4) Isolamento em relação ao mundo externo (GRAHAM, 1994).

Se relacionarmos esses quatro fatores a uma mulher nascida em um sistema patriarcal, podemos considerar que: a mulher está constantemente ameaçada, já que é comumente a vítima da violência de gênero pela posição submissa que ocupa; não pode escapar dessa realidade; está confinada, já que a opressão é vigente na sociedade patriarcal e, por fim, há de se concordar que a estrutura machista também lhe dá algumas brechas e nem todas as situações lhe são truculentas o tempo todo. Então temos aí uma proposta de como se desenvolveria uma síndrome de Estocolmo generalizada nas mulheres.

Todavia, durante uma pesquisa mais aprofundada sobre os sintomas clínicos da síndrome de Estocolmo do ponto de vista psicológico e psiquiátrico, vim a descobrir que esta não é reconhecida como oficialmente patologia, devido a sua imprecisão e à falta de estudos teóricos. No entanto, apesar disso, os comportamentos relacionados à síndrome podem ser observados em diversos casos e em outros transtornos.

Ademais, o termo “síndrome de Estocolmo” possui uma larga utilização pela imprensa quando se trata de crimes em que a vítima manifesta opiniões positivas em relação ao agressor. O que gerou uma dúvida na razão pela qual a mídia utiliza o termo, já que a síndrome não existe oficialmente.

Com intuito de observar as nuances em que uma síndrome de Estocolmo poderia se desenvolver em uma pessoa, procurei por um dos casos mais conhecidos em que os jornais noticiam ser resultante da síndrome: o sequestro de Natascha Kampusch. Austríaca, foi raptada aos dez anos de idade por Wolfgang Priklopil e mantida refém durante oito anos e meio, até o momento em que finalmente vislumbrou uma brecha e, ultrapassando suas próprias barreiras psicológicas, conseguiu escapar. Já liberta, Natascha escreveu o livro *3096 dias* (2010), em que conta todos os pormenores de seus dias em cativeiro.

No decorrer da leitura desta autobiografia, Natascha se mostra uma pessoa muito lúcida em relação à realidade que estava vivendo. De modo que demonstra saber o que fazer para que pudesse manter sua sanidade e assim garantir sua sobrevivência no cativeiro. Ademais, a convivência de oito anos com o agressor a permitiu compreender as fraquezas dele, seus defeitos, sua humanidade. Foi então que percebi que talvez Natascha não tivesse desenvolvido uma síndrome de Estocolmo. Natascha poderia apenas estar lidando com as circunstâncias da mesma maneira que qualquer pessoa o faria em uma situação semelhante para sobreviver.

Concomitantemente, pesquisei sobre relações existentes entre a síndrome de Estocolmo e a possibilidade de ser um transtorno social que dita comportamentos femininos. Não havia ainda constatado as questões citadas anteriormente e talvez por isso a busca tenha sido tão difícil. Finalmente encontrei em documentos feministas o livro *Loving to Survive: Sexual Terror, Men's Violence, and Women's Lives* (1994), da psicóloga e professora norte-americana Dee Graham.

O livro propõe uma teoria de síndrome de Estocolmo social em que, diferente da síndrome de Estocolmo pontual, - que atinge uma vítima em determinada circunstância – essa atingiria grupos de pessoas. No caso abordado, as mulheres formariam o grupo dos oprimidos e os homens, o grupo dos opressores. Até o presente momento, foi o único estudo encontrado que propõe a existência de uma síndrome de Estocolmo generalizada entre as mulheres. Este livro então tornou-se peça-chave para o trabalho no que diz respeito à condução da pesquisa e embasamento teórico, mesmo que alguns pontos sejam divergentes do que propomos. Graham trabalha em um campo de suposição, onde em uma imaginada sociedade neutra – que não é comandada pelo patriarcalismo – as mulheres seriam naturalmente lésbicas, pois supõe que a heterossexualidade seja fruto da coerção masculina. No entanto, direcionamos este projeto às relações de controle que permeiam a sociedade contemporânea, sem entrar no mérito da psicologia do desejo.

Além disto, ainda existiam muitas questões a serem delineadas. Em primeiro lugar, Natascha Kampusch, depois de liberta, não se mostrou uma vítima como o público esperava na época. Fazer declarações que seu raptor era criminoso, mas não um monstro, tirou-lhe rapidamente a simpatia do público, que chegou a acusá-la de ser cúmplice do crime para ganhar dinheiro com a tragédia. Aparentemente a mídia, assim como a sociedade, não conseguem compreender as dubiedades das situações e a realidade multifacetada dos seres humanos. Na incapacidade de assimilar que mesmo os criminosos podem ter seu lado bom e que uma vítima não precise necessariamente agir como uma coitada, diziam que a menina teve síndrome de Estocolmo. Não queriam ouvir o que ela tinha a dizer, não queriam compreender as múltiplas facetas da situação e dos envolvidos. O que é também uma forma de silenciá-la. Os jornais quiseram criar uma história unilateral em que Wolfgang Priklopil era um monstro e Natascha, apenas uma vítima. Quando Natascha não permitiu que isso acontecesse, se tornou alvo de desconfiança.

Deste modo, não é difícil associar as diversas formas em que a mídia busca silenciar as mulheres diminuindo-as em perspectivas unilaterais. Como a mulher de biquíni dos comerciais de cerveja que é apenas um corpo bonito, a mulher das propagandas de produtos

de limpeza que só pode ser dona de casa e Natascha, que deveria ser apenas a vítima. A síndrome de Estocolmo poderia ser uma das formas em que o meio midiático encara o que não entende ou o que não lhe convém compreender. E mulheres constantemente são alvos destas incompreensões. Diante de tudo isso, podemos assumir que existem na nossa sociedade diversas formas de controle do feminino: como as mulheres devem agir, como devem se portar e até mesmo como devem pensar.

Se não existe uma síndrome de Estocolmo como patologia, que mecanismos uma pessoa em situação de risco utiliza para se defender? Até que ponto a síndrome de Estocolmo é uma forma de sobrevivência de um grupo vitimizado e até onde este termo se tornou um atalho da cultura dominante na mídia sobre o que não quer explicar? Por outro lado, será que, mesmo que não leve esse nome, há uma síndrome de Estocolmo capaz de ativar mecanismos de defesa inconscientes que levam a uma fuga da realidade? Ou, ao contrário, alguém que sofre violências constantes é tão consciente de sua própria realidade que busca formas alternativas e possíveis de resistir? Em meio a tantos questionamentos, conduzimos o trabalho da seguinte forma:

No capítulo dois, dedicado à fundamentação teórica, estudamos diversas formas de controle social. Seguimos a seguinte lógica: com a teoria das desigualdades de Rousseau (2008) retiramos os indícios de que as distinções sociais possuem fatores biológicos – as diferenças tomam forma a partir do surgimento da propriedade privada. Assim sendo, o panóptico de Foucault (1984, 2000 e 2001) indicaria o modo com que o sujeito patrulha seus próprios comportamentos. A sociedade disciplinar funcionaria como reguladora do indivíduo. Então Deleuze (1992) sugere uma sociedade de controle que extrapola os limites físicos da disciplina e transpõe o indivíduo intrinsecamente. Por fim, McRobbie (2006) propõe quatro tecnologias sociais e culturais de identidade que contribuem para as restrições do feminino. Esse processo teórico serviria para explicar como fatores culturais e sociais podem ser convenientes para a lógica capitalista.

O capítulo três busca analisar o roubo a um grande banco da Suécia em 1973, em que as vítimas tiveram comportamentos controversos em relação aos criminosos, episódio esse que deu origem ao termo “síndrome de Estocolmo”. Abordamos o caso de Natascha Kampusch, buscando entender até que ponto seus mecanismos de sobrevivência são inconscientes ou são racionais. Analisamos a participação e posicionamento da mídia em casos como estes. E como isso pode influenciar o imaginário da sociedade.

No capítulo quatro, refletimos sobre alguns casos de dominação das mulheres nos meios midiáticos. O controle de conduta da mulher através da traição de Fabíola: uma mulher

casada que foi flagrada pelo marido no motel com um amigo também casado e a repercussão de culpa somente em relação à ela; o controle do corpo que sofreu Carolina Dieckmann ao ter suas fotos íntimas vazadas na internet e a constante atribuição de responsabilidade à mulher que deve cuidar para que não se torne vítima; a conivência com o discurso hegemônico de Acid Girl e a necessidade de aceitação estética das leitoras de portais dirigidos ao público masculino ao reiterar discursos misóginos; o texto recusando o feminismo escrito por Fernanda Torres, que endossa as tecnologias de controle do feminino propostos por McRobbie. E então refletimos sobre estes casos que constam condutas femininas rechaçadas por uma sociedade em que a lógica vigente é a do consumismo global, ao mesmo tempo em que as próprias mulheres corroboram discursos machistas.

2 SOBRE CONTROLE SOCIAL

Quando se fala em controle, pressupõe-se que alguém ou um grupo exerce algum poder sobre outro alguém ou outro grupo. O estudo da sociedade e do poder exercido intrinsecamente é muito complexo e se desdobra em muitos vieses e objetivos, assim como muitas contradições e ambiguidades. Assim sendo, a escolha dos autores se deu por aqueles que buscam relacionar o poder e o controle a estruturas sociais. A existência dessas estruturas é determinante para a forma com que o controle é exercido. Portanto, iremos adotar alguns pontos de vista que podem ser utilizados para qualquer relação entre os dominantes e os dominados no atual contexto social – brancos e negros, ricos e pobres, homens e mulheres – o que nos levará finalmente a como isso impacta no grupo das mulheres e como estas se comportam nestas relações.

Neste trabalho trataremos principalmente das relações de poder que atuam em uma sociedade majoritariamente comandada por homens: a sociedade patriarcal. Para este estudo, usaremos o termo “patriarcado” conforme descrito por Morgante:

O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais. (MORGANTE, 2014)

Como ponto de partida, os embasamentos teóricos de Jean-Jacques Rousseau (2008), Michel Foucault (1984, 2000 e 2001), Gilles Deleuze (1992) e McRobbie (2006), nos auxiliarão a analisar como o homem naturalmente igual foi conduzido a um sistema de dominação social. Refletiremos sobre os processos psicológicos, sociais e culturais que culminam no controle do feminino, tanto no campo social, como nas percepções pessoais das mulheres de forma sorrateira e obtusa, de forma que as desigualdades parecem não mais do que naturais.

2.1 A igualdade do homem natural

Para refletir sobre a natureza dos homens, de acordo com Rousseau é necessário decompor os conceitos que temos do homem civilizado, e, para isso, precisamos manter certo distanciamento. É necessário compreender que há dificuldade de separar as percepções que possuímos do homem civilizado e do homem natural, quer dizer, não temos evidências de como era o homem antes de existir a civilização. O conhecimento que temos já é do homem

como sujeito social. Da mesma forma que não temos como confirmar como seria uma mulher fora de uma sociedade patriarcal – ainda que existam no mundo comunidades matriarcais, elas não fazem parte da cadeia capitalista que rege o mundo. Portanto não temos como comprovar como se comportaria uma mulher que não sofre o impacto de uma sociedade regida majoritariamente por homens. Em ambos os casos, o que temos são suposições.

Para Rousseau, os homens por natureza são todos iguais e livres, sendo movidos por sentimentos básicos de autopreservação e comiseração. As desigualdades físicas e biológicas não seriam fatores determinantes para a submissão de um ser humano a outro, uma vez que, dispendo da inteligência e sagacidade, a envergadura ou força não seriam decisivas em um combate. Rousseau exemplifica isto citando uma luta entre um urso – animal forte e mordaz – e um homem selvagem. O homem estando armado de pedras e de um bom bastão seria um perigo no mínimo recíproco para o urso.

Estes homens naturais seriam indivíduos solitários, que vivem o presente e são amorais, pois “não tendo [...] nenhuma espécie de relação moral nem deveres conhecidos, não podiam ser bons nem maus e não tinham vícios nem virtudes” (2008, p. 68). O autor compara então o homem natural com os animais dentro de sua natureza que são incapazes de infligir dor e sofrimento ao outro por vontade própria ou devido a algum outro interesse, já que

nenhum animal parece guerrear naturalmente contra o homem, salvo no caso de sua própria defesa ou de extrema fome, nem demonstrar contra ele essas violentas antipatias que parecem prenunciar que uma espécie está destinada pela natureza a servir de pasto à outra. (ROUSSEAU, 2008, p. 37)

Ou seja, o homem natural faria apenas o que fosse necessário para sua sobrevivência. Então, ele poderia se contentar em viver de sua subsistência e poucos laços com outrem.

Toda essa igualdade, *a priori*, vai se rescindir no momento em que os homens começam a se unir em comunidades, já que para Rousseau, as desigualdades não podem surgir do homem natural, é necessário um fator externo.

É fácil ver que é nessas mudanças sucessivas da constituição humana que é preciso procurar a primeira origem das diferenças que distinguem os homens, os quais, de comum acordo, são naturalmente tão iguais entre si quanto o eram os animais de cada espécie antes de diversas causas físicas terem introduzido em alguns as variedades que notamos. (ROUSSEAU, 2008, p.29)

Este homem natural começa a associar-se aos outros homens na caça, pesca e para defender-se de ameaças. A construção de abrigo e convivência por tempo prolongado com outros semelhantes torna-se uma forma de aumentar suas chances de sobrevivência. Entretanto, deste início de sociedade e proximidade de semelhantes, com o tempo começam a surgir meios de comunicação e linguagem e o princípio de família – o que podemos demarcar

também o princípio da família patriarcal, já que “a gênese da família [patriarcal] é frequentemente entendida como sinônimo da origem da vida social propriamente dita, e tanto a origem do patriarcado quanto a da sociedade são tratadas como sendo o mesmo processo” (PATEMAN apud MORGANTE, 2014). Conjunto este que suscitou nos homens a identificação entre si e comparação. Por consequência, impulsionou a competitividade. Começa então o princípio da propriedade privada.

O primeiro que, ao cercar um terreno, teve a audácia de dizer *isto é meu* e encontrou gente bastante simples para acreditar nele foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras e assassinatos, quantas misérias e horrores teria pougado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas e cobrindo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Não escutem a esse impostor! Estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e a terra é de ninguém”. (ROUSSEAU, 2008, p. 80, grifo do autor)

Ademais, temos como característica o fato de não possuirmos habilidades específicas, mas uma grande capacidade de aprendê-las e nos aperfeiçoarmos. Somos perfectíveis, portanto. Diferente dos animais que são do mesmo jeito desde que nascem até o momento em que morrem, os seres humanos se aperfeiçoam e mudam no decorrer do tempo. Essa característica que nos diferencia é também a fonte de nossas infelicidades. A noção de propriedade não se restringia a um terreno, poderia ser também animais, armas e até mesmo pessoas.

Começou então a surgir o acúmulo de bens e, por consequência, a noção de superioridade. Da família, também se originou a fragilidade, uma vez que homens e mulheres começaram a abandonar o comportamento selvagem que tinham antes. De tal maneira, assim como os animais que perdem sua coragem, vigor e força quando são domesticados, o homem, ao se tornar um ser sociável e escravo de arranjos sociais, torna-se também fraco e temeroso (ROUSSEAU, 2008, p. 40). A sociedade passou a se arranjar em hierarquias de poder.

Tendo isto posto, partimos da premissa de que a hierarquia de gênero que trataremos neste estudo, tanto como outras hierarquias sociais – étnica, econômica, de credo – são concepções criadas *a posteriori*, ela não é inerente ao ser humano. Com a perfectibilidade, o homem pode se recriar de acordo com suas necessidades. Portanto, os itens que fazem distinção dos indivíduos são obras do hábito e dos diferentes modelos de vida adotados na sociedade, ao passo de que muitos podem se passar por naturais.

Dizia Rousseau que “um temperamento robusto ou delicado, a força ou a fraqueza que disso dependem, vêm muitas vezes mais da maneira dura ou efeminada pelo qual foi educado do que da constituição primitiva dos corpos.” (p. 56). Consequentemente, não há nada físico

ou biológico que possa conjecturar a inferioridade da mulher em relação ao homem, apenas o costume que permeia a nossa história. Durkheim ainda pontuou:

Desde os primeiros anos de vida, são as crianças forçadas a comer, beber, dormir em horas regulares; são constrangidas a terem hábitos higiênicos, a serem calmas e obedientes; mais tarde, obrigamo-las a aprender a pensar nos demais, a respeitar usos e conveniências, forçamo-las ao trabalho etc. Se, com o tempo, esta coerção deixa de ser sentida, é porque pouco a pouco dá lugar a hábitos, a tendências internas que a tomam inútil, mas que não a substituem senão porque dela derivam. (DURKHEIM, 1972, p.3)

Em todo esse processo, com o acúmulo de bens que veio posteriormente a se desenvolver para um sistema capitalista, Beauvoir (citando Engels) diz então que com o surgimento da propriedade privada, também surge o “senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste ‘a grande derrota histórica do sexo feminino’” (1970, p. 74). E assim como a lógica de desigualdade capitalista, a mulher se depara com formas de controle que estabelece e corrobora ainda mais as suas desigualdades com os homens como veremos mais adiante.

2.2 Sociedade disciplinar como reguladora do indivíduo

Tem-se a impressão de estar à presença de um mundo infernal do qual ninguém pode escapar, tanto os que olham quanto os que são olhados. (BAROU, 1984, p.121)

Consideremos aqui falar sobre relações de poder que se incorporam na sociedade hierarquizada que presumimos anteriormente com Rousseau. Vamos utilizar nesta passagem o ponto de vista adotado por Foucault, através de *Vigiar e Punir* (2001), *Em Defesa da Sociedade* (2000) e *Microfísica do Poder* (1984), pois, devido à universalidade com que estamos tratando este assunto, nos distanciando de conjunturas específicas em relação à época ou localidade, o poder não poderá ser abordado como um objeto, e sim como uma rede de relações:

Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas dísperas, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente. (MACHADO, 1984, p. X)

Desta forma, iremos analisar as questões de poder exercidas no conjunto de leis que regram a sociedade, observando como a hierarquia facilita a docilidade do humano para que o mesmo seja útil dentro do contexto em que estiver inserido.

Um modelo de sociedade disciplinada já era prevista pelo panóptico de Jeremy Bentham no século XVIII, descrito por Foucault (1984, 2001). Trata-se de um modelo de

construção arquitetônico inicialmente pensado em hospitais e, a seguir, também em escolas, prisões e qualquer ambiente em que se necessite a inspeção.

O panóptico consistia de uma construção de celas em forma de anel com uma torre ao centro, para que a disposição das janelas das celas fosse tal que o vigia de dentro da torre pudesse observar quem estivesse dentro sem que esta pessoa o conseguisse espreitar em contrapartida (FOUCAULT, 1984). Seria uma tecnologia eficaz para resolver os problemas da vigilância, “Bentham pensou e disse que seu sistema ótico era a grande inovação que permitia exercer bem e facilmente o poder” (FOUCAULT, 1984, p.115). O poder deveria então ser visível e inverificável:

[...] visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo. (FOUCAULT, 2001, p.167)

O olhar do vigia seria tão constante que o indivíduo, sem saber se está sendo vigiado ou não, internalizaria o controle exercendo a subserviência independente de ter um observador, então ele passaria a ser controlador de si mesmo. Seria uma forma de reprimir os indivíduos que infringissem as regras, onde eles se sentiriam tão incessantemente vigiados que passariam a viver na iminência da punição.

A vigilância como medida de cautela passa a ser controladora de conduta social, de modo que os efeitos do poder circulassem por canais cada vez mais sutis. O controle chegaria aos corpos dos indivíduos, aos seus gestos e a cada um de seus movimentos cotidianos. De forma que ainda que fosse necessário gerenciar uma grande quantidade de homens, o poder seria tão eficaz quanto se estivesse sido exercido sobre um indivíduo somente (FOUCAULT, 1984, p.119).

O dispositivo de vigilância do panóptico automatiza e desindividualiza o poder, já que “pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo em que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido” (FOUCAULT, 2001, p.170). O que explica as minorias sociais oprimidas não necessariamente serem minorias quantitativas. Como diria Deleuze, “as minorias e maiorias não se distinguem pelo número. [...] O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme, [...] Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo” (1992, p.214). Assim, o maior efeito do panóptico é transferir a responsabilidade da vigilância para o próprio vigiado, provocando nos indivíduos um estado constante de alerta, garantindo a manutenção automática do poder.

Difícil não associar essa vigilância ao Grande Irmão de George Orwell, em 1984. No romance distópico, em um futuro pós-guerra-nuclear, a sociedade seria comandada por um

ditador totalitário que ninguém conhece e nunca viu, mas a quem todos obedecem. O Grande Irmão poderia estar vigiando a todos, todo o tempo, e punir qualquer um que se opusesse ao regime. A rede de hierarquia que se instituiu era uma maneira de todos vigiarem a todos, de forma que não era prudente sair da linha um momento sequer.

Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. [...] Era concebível, mesmo, que [a polícia] observasse todo mundo ao mesmo tempo. [...] Tinha-se que viver – e vivia-se por hábito transformado em instinto – na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro. (ORWELL, 2009, p.8)

E em Foucault:

Para se exercer, esse poder deve adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção: milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta, uma longa rede hierarquizada. (FOUCAULT, 2001, p.176)

Como a vigilância do Grande Irmão, a disciplina aplicada na sociedade nada mais é do que o adestramento do sujeito, de modo a torná-lo dócil e controlado, transformando a pluralidade das atitudes em um jogo bidimensional definindo o que é correto ou errado. Para Foucault, essa dualidade – certo e errado – tem como papel “marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar” (2001, p. 151), já que tal disciplina é capaz de permitir ascender na hierarquia e aprimorar as capacidades do sujeito, mas também puni-lo: rebaixando-o e degradando.

Uma analogia sobre o comportamento em relações de poder é o exemplo daquele empregado bajulador que, mesmo que não goste do chefe, sabe que necessita da aprovação dele para ser promovido ou, em piores circunstâncias, demitido. Se sujeita então ao papel de adulador para não desagradar aquele que tem poder sobre ele.

Foucault (2001) ainda fala sobre um sistema de promoções na Escola Militar em que os alunos eram classificados em grupos (p.151-152). De acordo com a disciplina e desempenho na escola, o aluno recebia um distintivo correspondente. As punições também se davam de acordo a identificação: melhores alunos, punições mais brandas, piores alunos, punições mais pesadas. As classificações que diferenciavam os alunos eram visíveis: um distintivo preso ao uniforme escolar. Portanto, sustentar um distintivo de aluno medíocre era motivo de vergonha.

Diversos símbolos marcam relações de poder até hoje. Através de uniformes, as pessoas são classificadas e massificadas, desde as vestes laranja de subserviência do gari até o terno caríssimo do alto executivo. Construções também são símbolos: catedrais grandiosas

que demonstram o poder da Igreja Católica, palácios do governo e os governantes do Estado, edifícios militares e o poder bélico. E através dos símbolos que ostentam, reserva-se a cada um o tratamento que lhe cabe. A alguns, tratamentos privilegiados, a outros, negligenciados. Assim, podemos também considerar algumas características físicas como símbolos que alocam as pessoas a determinadas posições sociais, como por exemplo: cor de pele, peso, deficiências físicas e feminilidade – o fato de ser ou de parecer mulher. A combinação de diversos símbolos pode elevar ou declinar as pessoas na escala social.

Sobre estes símbolos, é importante notar que, de modo geral, incorporam grupos específicos. Por exemplo: ternos para os executivos, batinas para os padres, farda para militares. Estes símbolos dizem respeito a grupos de pessoas que fazem parte de alguma instituição, seja o escritório, a igreja ou o quartel.

A distribuição política dos corpos sociais é feita dentro de um espaço confinado, controlando suas atitudes e gestos, sob a ótica da vigilância constante. Em *Microfísica do Poder* (1984), Foucault trata a disciplina como um fator que diminui a resistência do corpo social. Essa divisão espacial serve como um procedimento técnico de poder, de forma a organizar os indivíduos dentro de determinado contexto. No campo econômico, a utilidade desse corpo é medida pela capacidade de ser submisso e produtivo. Há um controle detalhado e minucioso de gestos, assim como de atitudes, comportamentos, hábitos e discursos, para que as ações sejam as mais eficientes e rápidas possíveis. “As disciplinas funcionam cada vez mais como técnicas que fabricam indivíduos úteis” (FOUCAULT, 2001, p.174). Dessa forma, o corpo poderá ser aproveitado pela lógica produtiva do capitalismo em sua máxima eficácia inclusive com consentimento internalizado e inocente do maquinário humano, como se tudo isso fosse, desde sempre, simplesmente natural.

Essa naturalidade traz aos grupos oprimidos da contemporaneidade a vigilância panóptica, sem que necessariamente haja uma opressão propriamente dita. Ou seja, mesmo que hoje em dia possa não mais haver leis efetivas que demarquem determinadas diferenças como, por exemplo, o fato de antes do sufrágio feminino não ser permitido às mulheres votar, ainda existem linhas invisíveis que separam o que se deve e o que não se deve fazer. Essas linhas são tão arraigadas no nosso imaginário que se tornam automaticamente intransponíveis. No controle panóptico ninguém precisa nos dizer o que não fazer, nós sabemos o que não devemos e às vezes sequer nos permitimos ter vontade de fazê-lo.

Na mulher contemporânea, o controle panóptico é sua percepção inconsciente de inferioridade e de subserviência à estrutura de poder em que está inserida. Se a estrutura demanda que as mulheres sejam sempre arrumadas, a mulher já não precisa que alguém fique

lembrando-a de fazer as unhas ou usar salto alto, ela por si só já o faz e sente-se mal se não fizer. E caso não se sinta mal o suficiente nesta autocensura, as outras pessoas irão criticar o quanto ela é pouco feminina, desleixada, o quanto deveria preocupar-se com sua aparência. O que a fará pensar duas vezes antes de sair de casa novamente com o esmalte descascado. Caso a estrutura estabeleça que a mulher não deva exercer determinadas profissões por serem masculinas demais, ela escolhe outra mais “feminina”, caso contrário irá sofrer as reprimendas dos colegas de trabalho, com salários inferiores e/ou tendo que comprovar com muito mais afinco suas habilidades e eficiência.

Durkheim fala sobre a repressão sutil às condutas contra hegemônicas:

[...] a consciência pública, pela vigilância que exerce sobre a conduta dos cidadãos e pelas penas especiais que têm a seu dispor, reprime todo ato que a ofende. Noutros casos, a coerção é menos violenta; mas não deixa de existir. Se não me submeto às convenções mundanas; se, ao me vestir, não levo em consideração os usos seguidos em meu país e na minha classe, o riso que provoco, o afastamento em que os outros me conservam, produzem, embora de maneira mais atenuada, os mesmos efeitos que uma pena propriamente dita. (DURKHEIM, 1971, p.2)

Interessante adicionar aqui, a título de exemplo, uma pesquisa desenvolvida por duas universidades estaduais dos Estados Unidos, em que analisa o comportamento dos usuários de uma comunidade de desenvolvimento de softwares de código-aberto. A comunidade se baseia no envio de projetos de código-aberto criados por usuários, de forma que outros usuários possam sugerir alterações e adicionar informações, desde que haja o consentimento do autor do código. O foco da pesquisa girava em torno da quantidade, por gênero, de aceitação das alterações sugeridas. Surpreendentemente para os autores, os resultados mostram que: sugestões de alterações desenvolvidas por mulheres são mais aceitas (78,6%) do que as desenvolvidas por homens (74,6%). No entanto, esse número cai para 62,5% quando a mulher opta por identificar seu gênero. Ou seja, quando não se sabe o gênero, a aceitação dos códigos das mulheres é maior que dos homens, demonstrando maior competência feminina nesta área. Entretanto, saber o gênero da pessoa que sugere a alteração contribui para diminuir a aceitação. Esta constatação segue uma lógica parecida com a das escritoras que utilizam pseudônimo masculino para publicar seus livros, desde antigamente até os dias atuais, pelo preconceito assumido ou velado a publicações femininas.

Ou seja, a mulher é acostumada desde muito cedo a podar suas próprias atitudes e vontades que sejam contra hegemônicas como uma forma de se proteger e fugir da punição. Se às mulheres não lhes cabia a literatura, então a baixa escolaridade, pouco incentivo à educação e rejeição às suas criações tornavam mais conveniente que se conformassem a não praticar o literato. E assim por diante em diversas áreas do conhecimento.

Estamos, pois, diante de uma ordem de fatos que apresenta caracteres muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem. (DURKHEIM, 1971, p.2)

Na dominação por hierarquias, ainda que possamos assumir que todos os seres humanos são submissos de alguma forma, principalmente quando diz respeito ao sistema capitalista – já que cada um faz parte de uma grande engrenagem – é conveniente que alguns grupos sejam dominados. E alguns mais dominados do que outros. É pertinente, portanto, que os dominados exerçam constantemente a autovigilância para que haja efetivamente o controle de uma grande massa funcionando para o interesse de pequenas elites.

Inconscientemente, o grupo dominado acaba por permitir ao dominador ditar seu comportamento e conduta, sem que perceba que suas escolhas não são vindas do livre-arbítrio e sim de uma natureza pré-concebida por outrem. Como um poder soberano que, de tão sutil ao mesmo tempo em que é ditador, adquire o direito de vida e de morte.

Dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver; em todo caso, que a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político. [...] e é simplesmente por causa do soberano que o súdito tem direito de estar vivo ou tem direito, eventualmente, de estar morto. (FOUCAULT, 2001, p.286)

E não é por estarem nas mãos de dominadores com poder de vida e morte que as muitas mulheres se tornam vítimas domésticas da violência de seus companheiros?²

2.3 Sociedade de controle como reguladora das maiorias

No inicio do século XX, a sociedade disciplinar de Foucault irá transitar para uma que Deleuze denomina “de controle” (1992). Ao passo que a sociedade disciplinar promovia uma submissão através de retículas dentro de algum contexto de confinamento físico – fábrica, escola, prisão, hospital – todavia não dispunha de instrumentos necessários para que o indivíduo, enquanto não estivesse inserido por entre as paredes da clausura, fosse controlado. Por outro lado, o confinamento gerava solidariedade e resistência, enquanto as transformações permitidas por novas tecnologias o tornava obsoleto. Portanto, outras formas de controle emergiram que transpassariam as barreiras físicas. Não cabe, porém, dizer que as lógicas disciplinares desapareceram, mas sim que na passagem da modernidade para a

² Dados de feminicídio no Brasil: <http://www.revistaforum.com.br/2015/11/09/mapa-da-violencia-homicidios-de-mulheres-negras-crescem-54-em-dez-anos-no-brasil/>

contemporaneidade, elas se tornariam mais generalizadas e atravessariam fronteiras, logo se tornariam mais fortes e inevitáveis. O domínio do indivíduo seria total. Ademais,

não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitalais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas. (DELEUZE, 1992, p. 220).

A sociedade disciplinar seguiria uma dinâmica analógica, onde há de se recomeçar um novo ciclo, assim que outro acaba. Enquanto que por meio da digitalização, da substituição da fábrica pela empresa, da escola pela educação permanente, o incessante ciclo formado pela sociedade de controle irá se estabelecer. Em contraste, Deleuze fala sobre a sociedade disciplinar:

O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. (DELEUZE, 1992, p. 219)

De acordo com Deleuze, o sujeito da sociedade disciplinar era um produtor descontínuo de energia, ao passo que o homem da sociedade de controle “é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo” (p.223). Quer dizer, ainda que possamos não dispor de construções panópticas, as barreiras físicas da sociedade disciplinar de Foucault são expandidas com a criação de etapas infindáveis do mundo contemporâneo – depois de concluir a escola secundária, há a universidade, as pós-graduações, especializações, ciclos intermináveis. Porque a evolução tecnológica também alterou a moeda de troca: na sociedade disciplinar eram produtos e propriedades, gerados pelas indústrias e pela mão-de-obra, sendo conduzidos pelos patrões e horários. Na contemporaneidade são serviços e ações oferecidos pela empresa, coordenados pelo salário, bônus, metas a cumprir e concorrência com outros empregados.

Atualmente o capitalismo não é mais dirigido para a produção, relegada com frequência à periferia do Terceiro Mundo, mesmo sob as formas complexas do têxtil, da metalurgia ou do petróleo. É um capitalismo de sobre-produção. [...] O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. (DELEUZE, 1992, p.223)

Ou seja, não se trata mais de um patrão ditando que horas você deve entrar no trabalho e o que deve fazer. É uma lógica de mercado em que você mesmo deve se aperfeiçoar para que seja capaz de resistir à concorrência e cumprir as demandas que se espera do sujeito

capitalista – alimentando os símbolos de status social, que valorizam a capacidade de ostentar marcas e padrões de vida.

A empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexpiável como sã emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo. O princípio modulador do "salário por mérito" tenta a própria Educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa. (DELEUZE, 1992, p. 221)

Além da necessidade de aprimoramento constante, a vigilância também é facilitada através da tecnologia. A existência de câmeras de segurança cada vez mais presentes no cotidiano e com nossos rastros eletrônicos por toda parte – cartões de crédito, celulares, GPS, redes sociais – esses mecanismos de vigilância se tornam ainda mais eficientes. A supervisão do panóptico está entranhada não apenas nosso inconsciente autovigilante, mas também por toda parte em que a tecnologia pode alcançar. Desta forma, sob o pretexto da segurança dos cidadãos, o observado pode ser tanto a vítima como o algoz.

O movimento e acúmulo de capital se tornaram base para toda uma forma de se comportar e viver o mundo contemporâneo. Se, como anteriormente citado, seria conveniente a relação entre dominado e dominador para a lógica produtiva do capitalismo, é certo de que “o capitalismo não triunfaría sem uma série de tecnologias que possibilitam os corpos dóceis” (AGAMBEN, 2002, p. 11). Porque o controle não será exercido somente nos indivíduos, mas estendido às massas populares.

Existe também o interesse das grandes empresas de possuir bancos de dados com informações sobre as pessoas: lugares que frequentam, o que compram, em que ocasião utilizam determinado serviço, e diversos tipos de referências para que possam mapear nossos estilos de vida e direcionar suas estratégias de venda. E com a presença constante da tecnologia, todos nossos passos são registrados: através das compras com cartão de crédito, os sites que navegamos, informações pessoais que trocamos em mensagens eletrônicas. E hoje em dia, os bancos de dados são preenchidos com maior potencialidade através do imenso número de usuários que compartilham dados pessoais e seu estilo de vida por vontade própria – vide o sucesso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat* e outros. Os corpos dóceis estão aí trabalhando em função do capital, de modo que as empresas então passam a focar nessas estratégias para alavancar o consumo.

O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente dos nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. (DELEUZE, 1992, p.224)

Deleuze diz que nas sociedades de controle as quais estamos inseridos na contemporaneidade não são mais demarcadas por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. Ainda completa que “talvez a fala, a comunicação, estejam apodrecidas. Estão inteiramente penetradas por dinheiro: não por acidente, mas por natureza” (1992, p.217). Sobre isso, questiona Carvalho (2012):

Não seria a publicidade, veiculada pela mídia, um dos instrumentos destes poderes emergentes? É necessário, também, ampliar este questionamento: que posição ocupa a mídia no contexto de uma sociedade de controle? (CARVALHO, 2012, p.21)

A força mercadológica e o marketing se tornam então capazes de criar novas subjetividades. Não apenas capazes, mas para que a engrenagem do capitalismo funcione, tornam-se necessários. As pessoas têm de trabalhar e também consumir. E têm de achar isso natural. Não é por acaso que grandes empresas como o *Google* conquistam lugares de destaque em pesquisas que avaliam os melhores lugares para se trabalhar³. O *Google* vende a imagem de ser uma empresa que possui vários espaços de lazer dentro da instituição: salas com poltronas superconfortáveis para que o funcionário possa descansar e áreas de jogos para que ele possa se divertir. E as pessoas não se dão conta de que é de interesse capitalista que o funcionário passe ainda mais tempo na empresa, vivendo do trabalho para ser mais produtivo e ainda sob a falsa sensação de que a empresa lhe dá benefícios excepcionais.

Ademais, as operações de marketing são estudadas para que criem desejos de consumo que sempre estão vinculados a um modo de vida como status social, já que o marketing funciona como “uma operação de natureza subjetiva ou psicológica e se caracteriza pela produção de uma subjetividade capitalística que tem como valor a aquisição e posse das mercadorias” (CARVALHO, 2012, p.22). Quer dizer, o capitalismo vende a ideia de que trabalhar é bom e que comprar é bom. O indivíduo então trabalha cada vez mais para que possa financiar seu status social.

As subjetividades, portanto, são concebidas a partir de interesses comerciais e não éticos ou naturais – se pensarmos na lógica do homem natural de Rousseau que vive de sua subsistência. Não há uma lógica em trabalhar o máximo que for suportável para o corpo e tampouco em comprar objetos que não valem o preço de custo. Não há planeta que aguente uma fatura onde todos pudessem lucrar a mesma quantia: os recursos naturais se esgotariam e não haveria mão-de-obra. Dessa forma, a subjugação de algumas classes se tornam necessárias para que funcione a engrenagem. Como na sociedade distópica de Orwell: a

³ Pesquisa sobre as melhores empresas para trabalhar:
<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/google-e-a-melhor-empresa-para-trabalhar-em-2013>

vigilância de todos sobre todos torna o totalitarismo possível, de forma que cada membro cumpra sua função utilitária sob os olhos de repreensão.

Assim como o controle de todas as outras minorias – negros, pobres, homossexuais – o controle do feminino é pertinente. Tanto que Beauvoir compara a opressão da mulher à opressão do proletário. Até há pouco tempo, era papel das mulheres basicamente cuidar do lar, reprimindo sua sexualidade para que não houvesse dúvidas quanto à paternidade dos filhos e assim manter a unidade familiar, além de trabalhar nos afazeres domésticos.

O homem, reinando soberanamente, permite-se, entre outros, o capricho sexual: dorme com escravas ou hetairas, é polígamo. A partir do momento em que os costumes tornam a reciprocidade possível, a mulher vinga-se pela infidelidade: o casamento completa-se naturalmente com o adultério. É a única defesa da mulher contra a servidão doméstica em que é mantida; a opressão social que sofre é a consequência de uma opressão econômica. (BEAUVOIR, 1970, p.75)

A lógica de controle capitalista irá se alterar, então, quando os interesses econômicos também se transformarão em novos interesses.

2.4 Controle do feminino

Simone de Beauvoir relaciona a servidão feminina no casamento às capacidades econômicas do casal. Quanto mais bens o homem possuir, mais a mulher é servil. A família patriarcal, até os dias atuais, é mais estabelecida entre os ricos proprietários fundiários, o que significa que quanto mais poderoso se sente o homem, social e economicamente, mais se vale da autoridade do pai de família. Ao passo que o homem em condição de servo se uniria à mulher e a elevaria ao status de companheira, já que “o homem não tinha nenhuma razão para procurar tornar-se senhor da mulher que nada possuía” (1970, p.125).

Diz Engels (apud Beauvoir) que “a mulher só pode ser emancipada quando tomar parte em grande escala social na produção e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão em medida insignificante” (p.148). É pelo trabalho, portanto, que a mulher começa conquistar sua dignidade. No decorrer do tempo, as mulheres começam a ocupar espaços que antes eram hegemonicamente masculinos. São conquistas de extrema importância que permitem à mulher não ser mais subordinada, mas independente. Para Beauvoir, no trabalho livre, a mulher conquista uma autonomia concreta porque encontra seu papel econômico e social (p.125).

Dentre as conquistas feministas no decorrer do tempo, temos a liberdade sexual – não mais obrigando a mulher a casar antes de praticar o coito; a liberdade de estudar e escolher sua profissão; a mulher agora é livre para fazer suas escolhas estéticas – se antes deveria usar

saias e vestidos, hoje pode usar calças compridas; e também adquiriu a capacidade e espaço para questionar sua situação política e social.

Todavia, apesar das grandes conquistas, ainda não há uma sociedade igualitária plena efetiva nos dias de hoje. Embora as mulheres já possam estudar e trabalhar existe alguns componentes, não biológicos, que as impedem de chegar a cargos de destaque e liderança. Na política brasileira, por exemplo, aproximadamente 52% dos eleitores são mulheres. Mas ainda assim a representação feminina na Câmara dos Deputados é de 9% e corresponde a 10% do senado⁴. Isso não significa necessariamente que as mulheres não se interessem por cargos políticos. Há desinteresse no financiamento de grandes empresas em campanhas de candidatas, pouco interesse também por parte dos partidos e faltam legislações rígidas que estabeleçam determinada porcentagem de participação feminina no plenário⁵.

Já na indústria cinematográfica, as mulheres têm pouquíssima atuação em cargos como direção, roteiro e produção. Além disso, os papéis femininos representados nos filmes constantemente retratam mulheres com falas restritas, em posições sexualizadas e com personalidades unidimensionais⁶. O que também não significa que as mulheres não queiram ou não sejam capazes de ocupar as determinadas posições criativas, já que os dados do cinema independente provam existir muito mais mulheres atuantes em cargos altos do cinema do que nos grandes estúdios⁷.

Em ambos os casos, as estatísticas evidenciam o contrário do que acredita o imaginário popular. De forma que as conquistas, mesmo que significativas, não são absolutas a ponto de se deixar o feminismo de lado como uma ideologia ultrapassada.

No entanto, o posicionamento das jovens mulheres na contemporaneidade pode indicar uma corroboração do sistema de poder vigente. Não um retrocesso necessariamente dito, mas uma transformação que caminha muito mais para a opressão do que para a liberdade feminina. McRobbie então propõe o pós-feminismo como um processo ativo pelo qual os ganhos feministas dos anos 70 e 80 estão enfraquecidos. Ora, se é necessário dizer que existe um *pós-feminismo* (às vezes chamado de *neofeminismo*) pressupõe-se que o feminismo já cumpriu sua missão e a igualdade está alcançada. Então um arranjo de maquinações,

⁴ Pesquisa sobre mulheres na política: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica>

⁵ Sub-representação feminina na política: <http://www.cartacapital.com.br/politica/sub-representacao-feminina-no-congresso-afeta-direitos-sociais-da-mulher-4112.html>

⁶ Pesquisa sobre igualdade de gênero no cinema: <http://www.nyfa.edu/film-school-blog/gender-inequality-in-film/>

⁷ Maior participação de mulheres no cinema independente:
<http://cinema.uol.com.br/noticias/ap/2013/01/21/pesquisa-mostra-que-mulheres-se-saem-melhor-na-industria-do-cinema-independente.htm>

elementos da cultura popular contemporânea “são perniciosamente efetivos no apagamento do feminismo, mesmo que simultaneamente aparentam estar engajados em uma bem informada e até mesmo bem intencionada resposta ao ‘feminismo’” (2006, p.1).

Com a ajuda das bandeiras de liberdade e escolha que agora estão inextrinavelmente conectadas com as jovens, o feminismo está decididamente ‘datado’ e parece ser redundante. O feminismo está nas sombras, [...] onde há de ser considerado de forma ambivalente por aquelas jovens que dele mantêm uma certa distância em lugares públicos pelo bem social e reconhecimento sexual. (McROBBIE, 2006, p.1)

Stuart Hall (2011) já falava sobre a crise identitária gerada pela pós-modernidade. Na sociedade moderna havia uma solidez de paisagens culturais de gênero, classe e etnia. No entanto, a globalização trouxe uma fragmentação e pluralização dessas características antes entendidas como sólidas, descentralizando o indivíduo e transformando as identidades. A vida social torna-se mediada por um mercado global que define estilos, lugares, mídias e sistemas de comunicação, desvinculando o sujeito do tempo, lugar, história e tradições específicas. De forma que permita ao sujeito ter inúmeras possibilidades de ser e estar. Todavia, já que pode adquirir diferentes identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas, passa a pertencer a tudo e a lugar nenhum.

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p.13)

Hall argumenta que foi a difusão do consumismo que contribuiu para um efeito de *supermercado cultural*. No discurso do consumismo global, as distinções e diferenças sociais que definiam a identidade *a priori*, ficam reduzidas a uma espécie de língua internacional ou de moeda global, “em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como ‘homogeneização cultural’” (2011, p.13).

Com tantas barreiras ultrapassadas através da globalização, a pós-modernidade trouxe uma falsa sensação de individualidade: de que hoje as mulheres que sobem na carreira o fizeram por mérito inteiramente próprio. “Parece que as jovens mulheres estão se destacando por escolha e porque todos os impedimentos foram retirados” (McROBBIE, 2013). Como se não houvesse uma história de lutas e conquistas femininas. Como se o risco e a morte de diversas mulheres ao longo da história pelo sufrágio ou por qualquer conquista igualitária já não dissesse respeito às mulheres do pós-modernismo. Como se ainda não houvesse um caminho muito longo para chegar a uma sociedade efetivamente igualitária. De acordo com

McRobbie (2006), as jovens “estão agora sem vínculos com as comunidades onde os papéis de gênero estavam estabelecidos. [...] os indivíduos são chamados a criar suas próprias estruturas” (p.7).

Nesse contexto, os impulsos feministas e reivindicações de minorias aparentemente adquiriram uma perspectiva puritana e tediosa. Porque, afinal, no mundo globalizado quem é essa minoria? As revoluções parecem pautas desnecessárias. Se não existem fronteiras e é tudo tão homogêneo, é como se estivessem a lutar por nada. No entanto, essa percepção está equivocada. E McRobbie propõe então quatro “espaços de atenção” que operam na vida cotidiana da jovem mulher no contexto do pós-modernismo:

Definindo os “espaços de atenção” como luminosidades, proponho que consistam, primeiro, do complexo de moda e beleza, do qual emerge a mascarada pós-feminista como modalidade distinta de agência feminina. Em segundo lugar, há o espaço luminoso da educação e do emprego, dentro do qual se encontra a figura da *working girl*. Terceiro, o espaço hipervisível da sexualidade, fertilidade e reprodução, do qual emerge a garota fálica. O quarto é o espaço da globalização e especialmente a produção de feminilidades comerciais no mundo em desenvolvimento. (McROBBIE, 2013)

A lógica capitalista citada previamente então observou na mulher a quem, anteriormente, cabia o casamento, a maternidade e participação econômica limitada, uma nova gama de possibilidades de produção e consumo. E se a mulher adquiriu novas liberdades, então é necessário um novo cenário de opressão para que o sistema capitalista e classicista se mantenha, mas sem que a jovem mulher perceba que as conquistas possam virar retrocesso.

Um novo contrato sexual mais cultural do que jurídico está disponível para mulheres jovens, sobretudo no Ocidente, que as incentiva a assumirem um lugar e a aproveitarem oportunidades de trabalho, de qualificação, de controle da fertilidade e de renda para participarem da cultura de consumo que, por sua vez, torna-se uma definidora dos modos contemporâneos de cidadania feminina. (McROBBIE, 2013)

O interesse capcioso do mercado não se importa genuinamente com a mulher emancipada, o que lhe é conveniente é a mulher economicamente ativa. Disfarçadamente, é uma nova forma de modelar condutas, travestida de liberdade democrática e maior igualdade de gênero do que se tinha em gerações anteriores.

Portanto, é necessário estar atento “quando um conjunto de valores e ideais feministas parece estar inscrito em uma tentativa mais profunda e deliberada de remodelar noções de feminilidade, empreendida por uma série de forças políticas e culturais, para que estas se adequem a arranjos sociais e econômicos novos ou emergentes” (McROBBIE, 2013).

Até mesmo a liberdade de consumo adquirida, em primeira instância, indica que a mulher contemporânea pode decidir sobre os produtos que irá utilizar. Entretanto, há uma

movimentação sutil que prescreve o que ela deverá desejar e do que ela deverá ser, dependendo dos interesses econômicos. Zizek (2003) já falava sobre a pretensa liberdade de escolha da pós-modernidade, em que: “você tem a liberdade de escolher o que quiser desde que faça a escolha certa”. McRobbie confirma: “A escolha é, certamente, dentro do estilo de vida, um modo de coerção. O indivíduo é induzido a ser o tipo de sujeito capaz de tomar as decisões certas” (2006, p.7).

E não seria isso enfaticamente verdadeiro com relação à época pós-moderna, em que existe a liberdade de desconstruir, duvidar, distanciar-se? [...] a liberdade de pensamento não somente não solapa a servidão social real, mas na verdade a sustenta. [...] a única forma de garantir a servidão social é por meio da liberdade de pensamento. (ZIZEK, 2003, p. 18-19)

A nova mulher tornou-se então um membro efetivo da engrenagem do capitalismo, e para isso, suas liberdades têm algumas ressalvas que podemos identificar através dos “espaços de atenção” propostos por McRobbie (2013).

A primeira das tecnologias de repressão do feminino na contemporaneidade diz respeito à mascarada pós-modernista. Após a onda revolucionária do feminismo, a lógica de consumo traz de volta alguns indícios de docilidade feminina sob outras formas que “consiste no reordenamento da feminilidade, para que os estilos antigos [...] sejam reinstituídos” (McROBBIE, 2013). Isto é, se antes o uso de chapéu e saia lápis era uma forma de subordinação social que foi abolida com o tempo – porque as mulheres conquistaram o direito de usar calças compridas, – a moda resgatou esses símbolos que à primeira vista são basicamente estéticos. Ora, se já não é necessário reivindicar as calças compridas, então podemos voltar às saias, assim como dita a nova tendência da moda, certo? No entanto, esses símbolos carregam sinais de submissão.

Retomando a simbologia citada anteriormente com Foucault, estes estilos antigos reincorporados pela moda sinalizam uma vontade de aprovação. O rompimento com a ordem social do que é feminino – gostar de rosa, ser agradável e jamais grosseira – e a ascensão da mulher nos estudos, no mercado de trabalho e na participação política, trouxe à tona outro problema: a mulher periga ser considerada masculina demais. Dessa forma, para não correr o risco de colocar em jogo sua identidade sexual e poder percorrer o terreno da hegemonia masculina, já que se encontra legitimamente inserida no mundo institucional do trabalho do qual outrora tenha sido excluída ou tenha arcado com restrições, o jeito é demonstrar algum tipo de vulnerabilidade, de maneira a disfarçar sua capacidade profissional e social.

Ou simplesmente ela teme ser considerada agressivamente antifeminina ao se destacar como mulher poderosa, e passa a adotar o ar de distração, meio afobada, de uma menina supercarregada de bolsas, sapatos, pulseiras e outros itens decorativos

que precisam de atenção constante. O chapéu bobinho, a saia curta demais, os saltos altíssimos são todas formas de enfatizar, como o faziam as comédias hollywoodianas, a vulnerabilidade, a fragilidade, a incerteza e a ansiedade da mulher acerca da possibilidade de sua condição lhe custar o desejo masculino. (McROBBIE, 2013)

Isso acontece porque uma mulher adquirir uma atitude mais assertiva e hostil é malvista pelos colegas de trabalho. Jennifer Lawrence, que já ganhou Oscar de melhor atriz em 2013 e que, de acordo com a Forbes, tem o maior salário de Hollywood entre as mulheres, recentemente falou sobre os bastidores de um filme em que atuou. Revelou que não negocou um salário maior porque não queria parecer “difícil” ou “mimada”. Até então, lhe parecia ser uma boa ideia. No entanto, posteriormente, quando viu o contra-cheque das pessoas com quem trabalhou neste mesmo filme, constatou que seus colegas homens nunca precisam se preocupar com a imagem que vão passar ao pedir salários maiores, eles podem se importar somente em ser firmes na negociação⁸. Às mulheres não basta ser competente, elas têm também de adotar uma postura que não ofenda os homens, senão podem ser alvo de críticas. A mascarada pós-feminista então aparece para

gerenciar o campo de antagonismos sexuais e reconstituir a mulher como signo. A mascarada funciona para tranquilizar as estruturas masculinas do poder, ao neutralizar a presença e as ações agressivas e competitivas de mulheres quando ocupam posições de autoridade. (McROBBIE, 2013)

Nesse âmbito do trabalho, a mulher além de ter de provar sua competência todo o tempo, tem que querer também ocupar lugares de destaque. Porque uma vez que a jovem mulher hoje em dia é alguém capaz de transcender barreiras de sexo, raça e classe, “as mulheres que não realizam seu potencial ou não têm a motivação e ambição de se aprimorarem em grau suficiente são condenadas mais enfaticamente do que teriam sido no passado” (McROBBIE, 2013). Valoriza-se então a *working girl*, que além de ter que lidar com as pressões do trabalho e da carreira, ainda tem de conciliar sua dupla-jornada cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Utilizando o exemplo citado por McRobbie, o governo britânico passou a auxiliar as mães a voltarem para o emprego após ter filhos através de direitos legais e jornadas de trabalho parciais. Mas não há nenhuma política em relação aos homens diminuírem sua jornada de trabalho para dividir as responsabilidades domésticas. O que significa que o governo está apenas ratificando e estimulando a dupla-jornada feminina. O *status quo* permanece, mas o peso das responsabilidades femininas aumenta.

Mulheres jovens de origens étnicas e sociais diferentes, cada vez mais instruídas, atualmente enfrentam a exigência e a responsabilidade de um desempenho

⁸ Texto escrito por Jennifer Lawrence acerca da negociação de salário:
<http://www.lennyletter.com/work/a147/jennifer-lawrence-why-do-i-make-less-than-my-male-costars/>

econômico ativo. São convidadas a se reconhecerem como sujeitos privilegiados de transformação social; talvez se espere delas até que sintam gratidão pelo que receberam. (McROBBIE, 2013)

A mulher então adquire uma faceta que McRobbie (citando Butler) chama de *garota fálica*. Apenas é possível que esta garota conquiste a igualdade com os homens, desde que na semelhança com eles não deixe de ser um objeto de desejo. Então, sua sexualidade é estimulada – deixando de lado o “sexo só após o casamento” de antigamente – e ela acaba sendo pressionada nessa suposta liberdade para que esteja sempre disponível, senão poderá ser considerada frívola e antiquada.

A ela se solicita estar de acordo com a definição do sexo como um prazer alegre, uma atividade recreativa, como hedonismo, esporte, recompensa e *status*. A luminosidade recai sobre a menina que adota os hábitos associados à masculinidade, inclusive beber muito, falar palavrão, fumar, se envolver em brigas, participar de sexo casual, ser detida pela polícia, consumir pornografia e ir a boates com shows eróticos etc., mas sem abrir mão de ser desejável para os homens; de fato, essa aparente masculinidade potencializa o desejo por ela na economia visual da heterossexualidade. (McROBBIE, 2013)

McRobbie (2006) ainda diz que essa nova mulher já é “confiante o suficiente para assumir suas ansiedades sobre um possível fracasso em encontrar um marido” e também “aproveita descaradamente sua sexualidade sem medo dentro dos padrões homem-mulher” (p.8).

Todavia, esta liberdade adquirida irá impor mais responsabilidades à conduta feminina sem que os homens necessitem refletir sobre seu comportamento em relação às mulheres. Eles estarão agora mais livres para fazer o que sempre fizeram e com o acréscimo de não lhes ser atribuída culpa alguma. A hierarquia sexual não apenas é mantida como é enfatizada, portanto.

Marcia Tiburi (2014) fala sobre a inversão de valores que levam à lógica do estupro na sociedade atual. Ela cita o trecho de um livro do historiador Georges Duby, de 2001, em que o clérigo, Gervais, encontra-se com uma moça e lhe sugere um amor lascivo, ao que ela responde com rudeza, alegando que se perdesse a virgindade, seria condenada. Diante da recusa, ele afirma que ela só poderia estar louca, porque seria impossível que resistisse a ele. Então ele a denuncia, ela vai presa e julgada. E como as provas são dadas como incontestáveis, enfim ela é queimada.

No caso da história contada acima, a moça não foi estuprada por Gervais, mas era considerada por ele como “estuprável”. Foi para a fogueira porque se recusou ao sexo, mas também porque julgou o sexo que era dela demandado como algo que a prejudicaria. Porém, o estupro potencial que podemos ver neste caso, não era visto por Gervais como um estupro. Era, segundo sua lógica de estuprador, apenas seu “direito”. O sexo nele implicado não era considerado algo hediondo nem diabólico – embora fosse o único verdadeiramente hediondo e diabólico. (TIBURI, 2014)

De acordo com Tiburi, na lógica do estupro, a mulher não tem saída: cedendo ao estupro ou não, não importando as circunstâncias, de qualquer forma ela já será condenada. A vítima é sempre questionada já que desde a época da inquisição, a mulher era objeto de um alguém que faria o que bem quisesse com ela. É sempre ela que deve explicações, que deve se proteger e se defender. “O criminoso, na lógica do estupro, não é questionado, porque ele é homem e segundo a lógica do estupro não se objetifica um homem” (TIBURI, 2014). Interessante observar aqui o quanto as revoluções sexuais caminham em torno de permitir às mulheres o poder de disfrutar do prazer sem reprimendas, de utilizar as roupas que bem entendem, de consumir pornografia. Mas nada dizem sobre homens. As mulheres são objetos sexuais ou não são objetos. São sujeitos ou não são sujeitos. Mas o homem é sempre o homem. É como se houvesse uma libertação feminina dentro da mesma prisão hegemônica que sempre existiu. O que causa um estranho paradoxo que será detalhado a seguir.

A sociedade distópica de Orwell dispunha de um idioma fictício chamado *novilíngua*. Na verdade se tratava do mesmo idioma, mas com condensações e remoções de palavras, de forma que os sentidos seguissem a semântica e restringissem o escopo do pensamento. Unindo duas palavras opostas seria possível anular as contradições que ambas carregam. Com isso, não é difícil fazer uma analogia com o esvaziamento de sentido trazido pelo pós-modernismo e a crise de identidade de Hall. Como se a linguagem, ao unir opositos, na ordem do imaginário pudesse unir os sentidos. E a publicidade trata bem deste aspecto: cria novas linguagens, novas formas de dar sentido. Consequentemente, as libertações femininas parecem adquirir uma essência semelhante à *novilíngua*: as liberdades podem se aglutinar com uma opressão e ainda se manterem travestidas de liberdades.

Tiburi ainda aponta que nessa lógica, os “erros” das mulheres são muito mais apontados e apontáveis do que os “erros” dos criminosos, já que ela é tida como sendo uma caça e os homens, predadores naturais. “É como se a vítima fosse culpada por não ter escapado, por não ter corrido mais rápido, por não ter desaparecido antes” (TIBURI, 2014). Esse pensamento disseminado por homens por mulheres não significa que as pessoas sejam simplesmente favoráveis à violência. Na realidade é uma forma muito mais sutil: é como se avaliassem as circunstâncias e julgassem que a vítima teve o que mereceu, já que se comportou de determinada maneira. Para McRobbie, esse comportamento liberto da mulher,

permite a volta aos debates sobre a violência sexual e o estupro, quando se tratar, por exemplo, de uma garota que estava tão bêbada que não tem ideia do que realmente aconteceu, ou de outra que concordou em ter sexo com vários homens, mas não esperava ser tratada com violência ou brutalidade. Ao endossar normas de conduta masculinas no campo da sexualidade, ela remove qualquer obrigação, por

parte dos homens, de refletir sobre seu próprio comportamento e sobre o tratamento dado às mulheres. (McROBBIE, 2013)

Em suma, a mulher deve constantemente se autovigiar para que não corra risco de ser vítima. Caso seja, a sociedade considerará descuido dela e não um mal inflingido por outrem. Em outras perspectivas, no caso da mulher violentada, se estiver vestindo saias curtas, dirão que ela mereceu. Se estiver vestindo roupas compridas, será uma fatalidade. Nada que atribua culpa a quem a violentou. Como na *novilíngua*, a vítima transforma-se então em culpada.

Ademais, McRobbie ainda fala sobre a garota global, em seu quarto “espaço de atenção”, que nada mais é do que o endossamento do capitalismo global e da hegemonia racial. A jovem mulher que conquistou seu espaço exclusivamente por mérito próprio, torna-se a prova de que não há nada que seja necessário alterar no sistema vigente.

O espaço de atenção que dá vazão à nova figura da menina global espera que ela “compre” estilos ocidentais de feminilidade espetacular como forma de potencializar sua posição na divisão internacional de trabalho e mostrar sua vontade de ter sucesso, que é acrítica e “sem rancor”. (McROBBIE, 2013)

A garota global é símbolo de uma potência feminina que segue a antiga lógica de dominação. Ela não tem ressentimentos das opressões machistas, reforça as lógicas de consumo e serve de exemplo de modo de vida desejado pelas outras jovens mulheres contemporâneas: de preferência branca, com uma carreira, que sustente a estética da feminilidade e que não reclame demais.

São liberdades que se tornam facilmente coerção: tem que ser feminina, mas não pode parecer fútil; tem que estudar e subir na carreira, mas não pode demonstrar assertividade demais; tem que libertar a sexualidade, mas não pode perigar tornar-se vítima de alguma violência sexual. E mesmo que consiga seguir todas essas dinâmicas, milimetricamente, irá cair inevitavelmente em uma outra prisão: também não pode envelhecer. O que retoma a necessidade de estar sempre vigilante às próprias condutas, mas agora com conceitos paradoxais e com linhas muito tênues que dividem o que se deve ou não deve fazer.

3 A SÍNDROME DE ESTOCOLMO

A Síndrome de Estocolmo é um estado psicológico no qual vítimas de sequestro, ou pessoas detidas contra sua vontade, desenvolvem um relacionamento com seu(s) captor(es). Essa solidariedade por algumas vezes se tornar uma verdadeira cumplicidade, com presos chegando a ajudar os captores a alcançar seus objetivos ou fugir da polícia. (FERREIRA-SANTOS, 2006, p.20)

Existem muitos estudos que tratam da psicologia do agente agressor e as possíveis causas que o levaram a cometer determinadas ações como, por exemplo, o fato da desigualdade social aumentar a criminalidade e violência urbana⁹. No entanto, existem poucos estudos científicos que tratam do trauma e estresse do sujeito agredido (FERREIRA-SANTOS, 2006). Portanto, a maior parte da literatura utilizada neste capítulo são teses, dissertações e textos de periódicos. Alguns com ênfase em psicologia outros em psiquiatria. Todos eles, ainda que permitam diferentes abordagens, estudam os efeitos da violência sob a perspectiva da vítima.

A mídia popularmente utiliza este termo quando noticia situações em que uma vítima apresenta opiniões positivas em relação ao agressor, geralmente utilizado para noticiar casos de sequestros¹⁰.

3.1 O episódio original

O termo “síndrome de Estocolmo” foi assinalado pela primeira vez pelo psiquiatra e criminologista Nils Bjerot após um episódio de roubo a banco na cidade sueca de mesmo nome em 1973, em que as vítimas tiveram comportamentos controversos em relação aos seus captores. Dois assaltantes fizeram de refém quatro funcionários dentro de um grande banco, com quem conviveram em cativeiro durante seis dias. Os reféns foram amarrados a dinamites e ficaram sob a mira de submetralhadoras, ainda assim, os criminosos demonstravam sinais de gentileza em diversos aspectos. Neste contexto, reféns e raptadores criaram laços afetivos ao longo da reclusão (GRAHAM, 1994, p.2).

O repórter Daniel Lang escreveu um artigo para a New Yorker Magazine em 1974, sobre as reações das vítimas e criminosos no que concerne ao episódio, baseado em

⁹ Relação entre desigualdade social e violência, publicado no El País: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/05/sociedad/1391629439_112697.html

¹⁰ Como exemplo da utilização deste termo pela mídia, podemos citar: Aproximadamente 21.000 resultados na busca por “Síndrome de Estocolmo” nas notícias do Google Brasil (google.com.br), 2.130.000 resultados para “Stockholm Syndrome” no Google Internacional (google.com). Além de “Stockholm Syndrome” ser uma palavra-chave no IMDb – Internet Movie Database (www.imbd.com) com 148 títulos enquadrados neste termo. (Acessos em 2 de fevereiro de 2016).

entrevistas feitas com a maior parte dos envolvidos no caso. Os detalhes ocorridos nestes seis dias de cativeiro contêm muitos elementos importantes para entender os paradoxos existentes entre a relação dos reféns e raptadores (GRAHAM, 1994, p.1), e, por consequência, de como a síndrome pode se desenvolver. Portanto, iremos descrever alguns destes detalhes, baseando-nos em Lang e Graham.

Ao entrar sozinho e armado de uma submetralhadora em um dos maiores bancos de Estocolmo, o especialista em explosivos, Jan-Erik Olsson, deu um tiro para cima. Ao que imediatamente as pessoas que lá estavam se jogaram no chão ou se puseram a fugir. Então mandou um dos homens amarrar três funcionárias do banco, Birgitta Lundblad, Elisabeth Oldgren e Kristin Ehnmark, e ordenou que retirassem todas as pessoas que estavam no recinto, exceto as três reféns. O assaltante Olsson então solicitou ao oficial de polícia, além de uma quantia em dinheiro, duas pistolas, capacetes, coletes à prova de balas e um carro rápido para fuga, pediu também que trouxesse para dentro do banco o criminoso preso por roubo armado, Clark Olofsson. Seu plano era contar com a ajuda de Clark para fazer as negociações, pegar o carro e fugir com as reféns. No entanto, o primeiro-ministro não permitiu que Olsson fugisse com elas sob nenhuma hipótese. Então, o assaltante apontou a submetralhadora em direção às moças e falou para o oficial de polícia que se alguma delas levasse um tiro, a culpa seria inteiramente da polícia (GRAHAM, 1994, p.2).

Devido ao banco estar cercado por todos os lados por franco-atiradores que estariam apenas esperando o momento certo em que pudessem eliminar o criminoso com um tiro só, Olsson percebeu que pegar o carro e fugir de lá sozinho, sem as reféns, seria uma armadilha. Acalmou-se apenas com a chegada do presidiário Clark Olofsson, que o ajudou a abrir os caixas e pegar o dinheiro, a tirar as fitas das câmeras de segurança, a fazer o intermédio com a polícia e a desamarrar as vítimas pela primeira vez. Foi Clark também que encontrou outro funcionário do banco, Sven Safstrom, escondido no almoxarifado. Ele se tornou o quarto refém do episódio.

Neste meio tempo, Olsson permitiu que as reféns fizessem telefonemas. Birgitta Lundblad tentou telefonar para sua casa, mas ficou com os olhos marejados ao não conseguir realizar a chamada. Percebendo isso, Olsson a consolou com ternura, dizendo: “Tente novamente, não desista”.

No final do primeiro dia dentro do banco, Olsson já havia conseguido o dinheiro, o carro e a assistência de Clark que havia ordenado, mas ainda não tinha conseguido a permissão de fugir com os reféns. Olsson falou com o primeiro-ministro, Olof Palme, sobre

essa sua última demanda e visto que não obteria êxito, ameaçou dizendo que então não haveria mais reféns.

O próximo som que o Senhor Palme ouviu, foram os suspiros assustados de um dos prisioneiros. Olsson tinha agarrado Elisabeth pelo pescoço e dizia ao primeiro-ministro que ele tinha um minuto para mudar de ideia ou então a moça iria morrer. Senhor Palme declarou [a Lang], “Ele começou uma contagem regressiva, mas quando faltavam quinze segundos ele parou, e eu ouvi o telefone ficar mudo”¹¹. (LANG apud GRAHAM, 1994, p.3)

A ameaça de Olsson, no entanto, não foi concretizada. Depois deste telefonema, ele, Clark e os reféns entraram no cofre para passar a noite. Colocaram Elisabeth Oldgren sentada em uma cadeira na porta do cofre com explosivos atados aos pés, no caso de algum policial conseguir invadir o banco durante o pernoite, enquanto dormiam. Elisabeth caiu no sono rapidamente, mas acordou no meio da noite sentindo muito frio. Estava tremendo quando mal abriu os olhos e viu Olsson colocando a própria jaqueta em seus ombros. “Lembrando-se desta ação quando ela e Lang conversaram, Elisabeth disse ‘Jan era uma mistura de brutalidade e ternura’”¹² (GRAHAM, 1994, p.4). Apesar de ser um instrumento de defesa para os sequestradores e estar com explosivos amarrados aos pés, o cuidado demonstrado pelo raptor recebeu uma consideração maior pela vítima. Ressaltamos as diversas ocasiões relatadas aqui contendo mesma lógica antagônica: uma violência e uma gentileza do agressor.

Na manhã do segundo dia, o comissário Lindroth pediu a Olsson que pudessem examinar os reféns e checar se estavam bem. Entretanto, comissário Lindroth já havia levantado as fichas sobre os prisioneiros e não havia encontrado nada que contestasse o bom caráter dos mesmos. No entanto, durante a inspeção, percebeu uma atmosfera esquisita. Sentiu uma espécie de hostilidade vinda dos reféns em relação a ele e nenhum aparentava sinais de súplica. Captou também uma relação amistosa, relaxada e recíproca entre reféns e criminosos.

Lang diz então haver um ponto em que as negociações não iam para frente. Então Olsson chamou Sven Safstrom e disse que não iria matá-lo como planejou inicialmente, mas que iria atirar em uma de suas pernas e prometeu mirar cuidadosamente para não causar maiores estragos. Olsson explicou-lhe que o motivo desta decisão era que necessitava sacudir a polícia para saber quais seriam suas chances de escapar. Mais tarde, em uma entrevista, Sven contou a Lang sobre o acontecido: “Tudo o que me vem à mente é o quanto gentil pensei

¹¹ Trad. Nossa: *[T]he next sounds that Mr. Palme heard were frightened gasps from one of the captives. Olsson had seized Elisabeth by the throat and was telling the Prime Minister that he had one minute in which to change his mind, or the young woman would die. Mr. Palme told [Lang], 'He began a countdown, but when fifteen seconds were left he stopped, and I heard the phone go dead.'*

¹² Trad. Nossa: “*Jan was a mixture of brutality and tenderness*”.

que ele havia sido por dizer que só atiraria na minha perna... Mas o roubo *não* foi gentil... Ele foi um fora da lei que poderia ter tirado nossas vidas, que poderia ter nos matado. E eu tenho que me forçar a lembrar desse fato”¹³ (LANG apud GRAHAM, p.5, grifo do autor).

Em outra ocasião, Olsson novamente consolou Birgitta Lundblad, que chorava muito, alegando que tudo ficaria bem se a polícia os deixasse ir embora. Ela concordou com ele e disse que era a polícia quem estava mantendo-a longe de seus filhos. Ademais, em um telefonema, Kristin Ehnmark pediu ao primeiro-ministro que ela e os outros prisioneiros escapassem em paz junto com Olsson. Ela receava que, na tentativa de atacar os criminosos, a polícia acabasse causando a morte dos reféns. O primeiro-ministro, entretanto, não poderia permitir que isso acontecesse. A segurança pública não podia simplesmente permitir que criminosos fugissem com reféns. Então, o telefonema terminou com Kristin dizendo sarcasticamente ao primeiro-ministro: “Obrigada pela ajuda” (p.6).

Em dado momento, Elisabeth Oldgren se queixou de claustrofobia e os raptos a deixaram caminhar pelo banco presa por uma corda no pescoço. Outro dia, Olsson se aproximou de uma das reféns com afagos e ela permitiu este carinho mais íntimo acreditando que, com esta aproximação, talvez pudesse convencê-lo a desistir de seus planos. Ele então lhe propôs ter relações sexuais, ao que ela recusou. Tentou fazê-lo da maneira mais gentil possível, com medo de receber alguma reação violenta. No entanto, ele simplesmente concordou. Ainda excitado, se afastou dela e se satisfez sozinho. Aparentemente, inconscientemente ela tinha tanto medo de sofrer violências, inclusive sexuais, que o fato de Olsson respeitar sua negação, trouxe-lhe uma imensa sensação de gratidão.

Era sábado à tarde, o grupo estava há mais de 15 horas sem comer e não sabiam se a polícia lhes mandaria mais comida. Olsson lembrou-se que tinha três pêras guardadas consigo, então as dividiu cuidadosamente ao meio e deu um pedaço para cada um. Lang assinala que este acontecimento esboçou uma relação de comunidade entre o grupo (GRAHAM, 1994, p.9).

Determinada ocasião, uma das reféns ficou menstruada e não havia nenhum absorvente no recinto. Os criminosos pediram absorventes à polícia e enquanto não os conseguiam, não falavam de outra coisa. Foi neste momento que os policiais perceberam que a preocupação dos assaltantes em relação aos reféns era tanta que não seriam capazes de matá-los.

¹³ Trad. Nossa: “All that comes back to me is how kind I thought he was for saying it was just my leg he would shoot... But the robber was **not** kind... He was an outlaw who dared to take over our lives, who could have killed us. I have to force myself to remember that fact”.

Houve um momento em que Olsson percebeu que a polícia poderia usar gás lacrimogêneo e ele tinha uma crença de que após quinze minutos de exposição ao gás, a pessoa poderia adquirir problemas mentais para sempre. Olsson então falou aos reféns que lhes mataria e depois se mataria antes que todos ficassem doentes. Sven mais tarde disse a Lang que achou essa preocupação muito gentil da parte do raptor.

Olsson estava errado quanto aos efeitos do gás, mas estava certo quanto à utilização dele. No sexto dia, a polícia jogou gás lacrimogêneo dentro do banco através de buracos que conseguiram fazer na abóbada neste meio tempo. O grupo começou a vomitar e se asfixiar, o que resultou na rendição dos assaltantes, sem deixar nenhum ferido. No entanto, os reféns se negaram a sair do local antes dos algozes, acreditando que se o fizesse, a polícia poderia atirar em Olsson e Clark que sairiam por último. Não apenas protegeram os assaltantes de um possível ataque policial, ainda despediram-se deles com abraços e apertos de mão.

Em entrevistas a jornais e televisão, as vítimas criticaram o governo sueco por não compreender as motivações que levaram os homens a empreender o crime, além de se negarem a depor, relativizando as circunstâncias para o delito, inclusive levantando fundos para financiar o processo judicial dos sequestradores. Posteriormente, Kristin Ehnmark casou-se com seu raptor na cadeia (GÓMEZ, 1999).

3.2 Natascha Kampusch

O trauma psicológico é o sofrimento dos impotentes. Ele tem início no instante em que a vítima se torna indefesa diante de uma força que a subjuga. Quando essa força é da natureza, nós a chamamos de catástrofe. Quando é exercida por outros seres humanos, nós a chamamos de violência. Eventos traumáticos sobrepujam os sistemas habituais de cuidado que oferecem às pessoas a sensação de controle, pertencimento e sentido. (HERMAN, 2010, p.9)

O caso mais conhecido noticiado pela mídia a respeito de uma pessoa que possa ter desenvolvido a síndrome de Estocolmo foi o sequestro de Natascha Kampusch. O caso é emblemático devido à duração do sequestro, sua sordidez e pela colossal força de vontade em uma garota tão nova. Já liberta, Natascha escreveu o livro *3096 dias* (2010), em que conta todos os pormenores de seus dias em cativeiro. Sua história ainda deu origem a um filme de ficção baseado em fatos reais, documentários e um talk show na televisão¹⁴.

Tomaremos a autobiografia como base para refletir sobre como uma pessoa reage em determinadas situações quando é mantida tanto tempo em cativeiro. Especialmente por ser

¹⁴ Sobre o talk show de Natascha: <http://observatoriadimprensa.com.br/jornal-de-debates/natascha-kampusch-estreia-como-apresentadora-de-tv/>

uma mulher e pelo livro ter sido escrito pela própria vítima, a autobiografia ganha especial preciosidade.

Natascha cresceu na periferia de Viena e conta que na época de seu nascimento, sua mãe já tinha duas filhas adultas e não esperava ficar grávida dela. Então, apesar de ter sido recebida com alegria por todos quando nasceu, em 1988, às vezes se sentia sobrando. Quando as brigas de seus pais começaram a se tornar ainda mais frequentes, ela começou a fazer xixi na cama. A pressão da mãe para que parasse de se comportar como um bebê a fez começar a fazer xixi nas calças até mesmo de dia. Aos nove anos comia por compulsão.

Quando tinha dez anos, morava com sua mãe e passava alguns finais de semana com seu pai. Nessa época seus pais estavam separados e tinham um relacionamento um tanto conturbado. Após uma discussão com a mãe em casa, Natascha saiu para ir à escola sem se despedir. Quando dobrou uma esquina, viu um rapaz encostado em uma van branca. De início, teve medo.

Quando estava a cerca de dois metros do homem, ele me encarou. Nesse momento, meu medo desapareceu. Ele tinha olhos azuis e, com os cabelos talvez excessivamente compridos, parecia um estudante saído de algum filme antigo feito para televisão na década de 1970. Seu olhar parecia estranhamente vazio. *Pobre homem*, pensei, porque ele parecia precisar de proteção, e eu o teria ajudado de boa vontade. [...] Quando ele me olhou pela primeira vez naquela manhã, parecia perdido e muito frágil. (KAMPUSCH, 2010, p.101)

Dividida entre acreditar se o homem oferecia ou não perigo, Natascha tomou coragem para passar por ele na calçada. Ele subitamente a agarrou e a jogou na parte de trás da van.

No mesmo instante em que a porta do veículo se fechou atrás de mim, percebi que tinha sido sequestrada e que provavelmente morreria. Diante de meus olhos, passavam as imagens do funeral de Jennifer, que, em janeiro, fora violentada e assassinada em um carro, quando tentara escapar. As imagens da apreensão dos pais da menina Carla, que fora violentada e encontrada inconsciente em uma represa, vindo a falecer uma semana mais tarde. (KAMPUSCH, 2010, p.104)

Antes de ser raptada, Natascha via com frequência diversos casos de violência infantil no noticiário. Os casos de Jennifer e Carla lhe marcaram especialmente devido às circunstâncias do crime. Ambas com pouco mais de 10 anos foram violentadas, mortas e seus corpos foram abandonados e encontrados posteriormente. Desde cedo a menina já demonstrava certa repulsa pela forma como a mídia tratava dos casos de violência: estranhava a forma como os repórteres ficavam analisando a cena do crime, a transmissão dos funerais, como os noticiários entrevistavam psicólogos que aconselhavam as vítimas a não se defenderem dos ataques sexuais, para não pôr em risco a própria vida (p.87). Esse conselho dos especialistas se assemelha à lógica do estupro quando retira a responsabilidade do criminoso sobre o crime.

Natascha então foi levada a um lugar não muito distante de onde ela morava e foi jogada em um porão que o próprio raptor havia construído no subsolo de sua casa. O pequeno porão não tinha mais do que cinco metros quadrados. Possuía apenas uma pia de inox, um vaso sanitário, um colchonete e uma pequena janela para ventilação no alto do aposento. Desde as primeiras horas do rapto, ela demonstrava impetuosidade. Quando se dirigiu ao sequestrador, o tratou por “você”, já que em sua mente, os criminosos não merecem respeito, por isso a polidez não lhe parecia apropriada (p.107). Ademais, diz ela:

Até hoje, não sei como arrumei coragem para desobedecer às suas ordens. Talvez porque eu tivesse certeza de que morreria de qualquer jeito - de que as coisas não poderiam piorar.

– Você vai me violentar? – perguntei em seguida.

Dessa vez ele respondeu.

– Você é muito nova para isso - disse. - Eu nunca faria isso. (p.108)

Como no caso do roubo ao banco de Estocolmo, as vítimas parecem sempre esperar pelo pior. E quando percebem que o que imaginavam não aconteceu, ao menos até determinado momento, elas se tranquilizam em uma proporção maior do que o normal. Natascha de tanto ouvir os noticiários falando sobre sequestros, abusos sexuais violentos e mortes horríveis de crianças, pensava todo o tempo que era isso que lhe aconteceria. No entanto, não foi isso que demonstrou seu raptor.

Pelo contrário, Wolfgang Priklopil, nome que ela só descobriu bem mais tarde, reservou-lhe um tratamento gentil e tranquilizador, como se estivesse lidando com um animal de estimação. E trazendo tudo o que ela pedia: pente, escova, pasta de dentes e um porta escovas. Mais tarde trouxe até biscoitos amanteigados com grossa camada de chocolate, os preferidos da menina. “Parecia muito esquisito que aquele homem satisfizesse todos os meus desejos, já que tirara todo o resto de mim” (KAMPUSCH, 2010, p.153).

Natascha descreve Priklopil como “um homem frágil, de traços joviais e o cabelo castanho cuidadosamente repartido, como um aluno-modelo de um ginásio do subúrbio. O rosto era delicado e, à primeira vista, não transparecia maldade” (p.140). Ela ainda não sabia o que havia na casa, se moravam mais pessoas, se havia uma gangue de criminosos ou se ele morava só. Mais tarde descobriu que Priklopil morava sozinho e recebia visitas constantes da mãe, a quem era muito apegado. E passava os fins de semana com ela, momentos em que deixava Natascha sozinha no cativeiro, lhe deixando comida suficiente para passar esses dias. A garota foi percebendo a grande influência que a mãe exercia sobre ele: todo fim de semana ela deixava a casa do raptor extremamente limpa e organizada – atividade que mais tarde foi repassada à Natascha, para realizar nos dias de semana em que a mãe não estava. A menina

ainda descreve Priklopil como um “jovem elegante, incapaz de impor limites à mãe, educado com os vizinhos e decente de maneira pedante [que] também sabia manter as aparências” (p.414). Além do mais, o raptor demonstrou ter duas faces: “Uma tinha forte tendência ao poder e à dominação; a outra, uma necessidade absolutamente insaciável de amor e aprovação” (p.415).

Priklopil dizia a ela que a qualquer hora a gangue dos mandantes do crime iria aparecer e que ele era apenas a pessoa responsável por raptá-la. Natascha não sabia se acreditava nessa hipótese, às vezes achava que ele estava usando isso para botar-lhe medo. Sem saber se era verdade ou não, estar como ele lhe transmitia segurança: enquanto a suposta gangue não a pegasse para violentá-la e cometer as maldades que ela viu nos jornais, estar com Priklopil parecia seguro.

Provavelmente foi a aparência inofensiva e frágil do criminoso que transmitiu uma empatia à garota e a permitiu sentir certa proximidade com o homem, de modo que quando ele a deixava no cárcere, ela sentia tanto medo que preferia a presença dele a estar sozinha.

Quando o sequestrador voltou ao quarto, pedi que ele ficasse comigo, me colocasse na cama e me contasse uma história. Eu queria que ele me desse um beijo de boa-noite, como minha mãe me dava antes de fechar a porta do quarto, em silêncio. Tudo para manter a ilusão de normalidade. E ele colaborou. (KAMPUSH, 2010, p.136)

Sobre o primeiro dia de cativeiro, Natascha comenta que a situação era tão assustadora que podia tê-la destruído.

Eu me sentia mal e tinha medo de enlouquecer [...] A sensação de desesperança me oprimia cada vez mais. Ao mesmo tempo, eu sabia que, para não me deixar esmagar pelo medo, tinha de fazer algo. (p.146)

Mas a mente humana pode lidar com as situações mais espantosas – na medida em que ela mesma se engana e se retrai para não naufragar diante de circunstâncias que não podem ser compreendidas logicamente. (p.134)

Aceitei o que estava acontecendo e, em vez de me desesperar e lutar contra a nova situação, tentei me adaptar [...] Eu sentia instintivamente que teria de aceitar a situação para sobreviver àquela interminável noite no porão. (p.122)

O tratamento gentil de Priklopil mostrou sua primeira ruptura quando ele, ao sair do cativeiro, levou a mochila da escola de Natascha. Ela pediu que ele deixasse a mochila, já que eram as únicas coisas que ela possuía naquele recinto. Ao que ele respondeu:

– Você pode ter escondido um transmissor aí dentro e querer pedir ajuda. Está tentando me enganar, fingindo ser inocente! Você é muito mais esperta do que aparenta!

Sua mudança súbita de humor me assustou. Será que eu tinha feito algo errado? E por que eu teria um transmissor em minha mochila, na qual, fora livros e canetas, havia apenas o lanche? Naquele momento, eu ainda não sabia nada sobre seu estranho comportamento. (p.129)

No decorrer dos dias, o sequestrador colocou no quarto uma TV, videocassete, rádio e até um computador simples em que ela podia jogar. As datas comemorativas eram sempre celebradas com presentes e simbologias: no natal, faziam uma ceia; em aniversário, havia bolo; na páscoa ele lhe dava ovos de chocolate. Ele também trazia livros clássicos da literatura para ela e a alimentava de maneira saudável: vegetais, frutas e alimentos frescos.

No entanto, Priklopil demonstrou ter uma personalidade muito instável, paranoica e psicótica. Se ela fizesse algo que ele não gostasse, ele a punia, então ela buscava entender essa lógica para evitar maiores conflitos. Só que o “não gostar” dele poderia variar. Se ela fizesse algo de um jeito hoje, esse jeito já poderia estar errado amanhã, e assim por diante. No início, como punição ele a deixava sem comer ou tirava algum de seus poucos instrumentos de lazer – livros, cadernos de desenho, jogos de computador, programas de televisão. Ele frequentemente a xingava, humilhava e ameaçava com todos os tipos de castigo, mas até então nunca havia perdido o controle. Porém, um dia ele se irritou de tal maneira que jogou uma furadeira contra ela, que se abaixou a tempo do objeto bater na parede às suas costas. Neste momento, ela não chegou a se machucar, mas a súbita explosão de raiva mostrou uma nova dimensão do sequestrador que a fez ter certeza de que ele poderia feri-la de fato se ela não obedecesse. O que a tornou mais assustada e submissa (KAMPUSCH, 2010, p.307). Priklopil se desculpou dizendo que sentia muito e nunca mais faria isso. Natascha assinala que esse comportamento se pareceu quando o “marido violento promete à mulher e aos filhos que acabaram de apanhar” (p.365). Mas, depois desse episódio, é como se houvesse aberto uma nova fronteira e ele começou a agredi-la fisicamente com frequência.

Não obstante, Priklopil começou a racionar a comida dela, chegando a deixá-la vários dias sem comer. Natascha então começou a emagrecer demasiadamente e seu índice de massa corpórea já indicava subnutrição. Na medida em que ela crescia, ele achava que estava gastando dinheiro demais, especialmente com sua comida, então qualquer atitude que ele encarava como errada, estava sujeita a cortes de alimento.

A situação ficou ainda mais complicada quando Natascha começou a entrar na puberdade e menstruar. Priklopil, que praticamente não teve contato com mulheres durante sua vida a não ser sua mãe, passou a vê-la como algo sujo e repugnante. Ela estava crescendo e ele não sabia lidar com a situação. E, como não era mais criança, ela passou a ser obrigada a realizar tarefas domésticas na parte de cima da casa. Sempre seminua. O medo do sequestrador de deixar evidências de Natascha, a obrigou a raspar a cabeça para que não deixasse fios de cabelo pela casa. Após muito tempo sem sair do pequeno quartinho no subsolo, Natascha agora era permitida a realizar atividades na parte de cima da casa. No

entanto, essa nova liberdade lhe pareceu mais assustadora, porque agora o raptor não tirava os olhos dela durante um segundo sequer. A vigilância adquiriu uma nova forma.

Essa alteração de vigilância se assemelha à transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Enquanto a vigilância se restringia ao cativeiro, a conduta do raptor era um pouco mais permissiva, porque Natascha estava extremamente confinada dentro das paredes da pequenina prisão, com espaço limitado e manuseando instrumentos limitados. Com uma maior liberdade – ainda que não transpusesse os limites da casa – a vigilância se tornou mais constante, mais invasora e mais penetrante.

Natascha então cozinhava, limpava e teve que ajuda-lo nas reformas que ele fazia em sua casa. Como não podia chamar pedreiros para que não descobrissem o cativeiro, o raptor fez de Natascha o único operário da obra. A menina fazia os trabalhos mais pesados que, a princípio, deveriam ser feitos por mão-de-obra especializada. Com apenas 12 anos, muito magra e desnutrida, ela carregava junto com Priklopil sacos de cimento, arrastava placas de mármore, portas pesadas, quebrava concreto com cinzel e marreta. E as agressões aumentavam. Enquanto vivia só no porão, não havia muitas situações em que ela podia errar. Mas frequentando a parte de cima da casa e realizando diversas tarefas para o raptor, ela era mais passível de falhas e havia exigência para que tudo fosse impecável. Por influência das manias de limpeza da mãe, Priklopil ordenava muito esmero em todas as atividades.

Durante o tempo em cativeiro, Natascha nota que Priklopil demonstra ser uma pessoa de valores conservadores. Além da grande influência da mãe em sua vida e seu pouco traquejo com mulheres, gostava de xingar os estrangeiros, demonstrou um prazer malicioso quando as Torres do *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001 foram atingidas, seu ídolo político contemporâneo era o líder da extrema direita do Partido da Liberdade da Áustria, tinha como um de seus livros preferidos o *Mein Kampf* de Adolf Hitler e dizia que ele estava certo ao mandar os judeus para câmaras de gás. Ele tinha alguns ideais sobre família também:

Sua imagem de família ideal vinha da década de 1950. Ele queria uma mulherzinha que trabalhasse duro, preparasse o jantar quando ele voltasse para casa, não lhe respondesse e realizasse as tarefas domésticas com perfeição. Ele sonhava com "comemorações familiares" e passeios, gostava de nossas refeições juntos e celebrava os dias dos santos, aniversários e Natais como se não houvesse porão nem cativeiro para mim. Era como se ele estivesse vivendo uma vida através de mim e não pudesse fazer isso do lado de fora da casa. (KAMPUSCH, 2010, p.428)

Sobre o mundo exterior:

Para o sequestrador, o mundo exterior era sinônimo de Sodoma e Gomorra: perigos, sujeira e vício espreitavam por toda parte. Um mundo que, para ele, se tornaria símbolo de seu fracasso e que ele queria manter longe - dele e de mim. (p.496)

Devido às agressões intercaladas com momentos de tranquilidade, em que o raptor vivia uma pretensa vida normal e conjugal com Natascha, ela acreditava que afinal, apesar de um jeito muito errado, ele queria apenas duas coisas dela: aprovação e afeto. Como se o objetivo por trás de toda aquela crueldade fosse forçar uma pessoa a amá-lo incondicionalmente, em um mundo em que ele não compreendia (p.429).

Hoje acredito que, ao cometer um crime terrível, Wolfgang Priklopil queria apenas criar seu próprio mundinho perfeito, com uma pessoa que estivesse ali só para ele. Provavelmente ele nunca teria podido fazer isso do jeito normal e decidira, assim, forçar e modelar alguém para isso. Em essência, ele não queria nada mais do que as outras pessoas: amor, aprovação, calor. Queria alguém para quem ele fosse a pessoa mais importante do mundo. Ele parecia não ter visto outro modo de conseguir isso senão sequestrando uma menina tímida de 10 anos e a afastando do mundo exterior, até que ela estivesse tão psicologicamente alheia que ele pudesse "recriá-la". (p.330)

Para Natascha, as nuances do comportamento paradoxal do raptor eram decisivas. Quando conseguia perceber suas alterações, era capaz de evitar uma surra. Ao vê-lo como um ser humano, que tem diversas facetas, boas e ruins, ela também foi capaz de se manter humana, porque assim ele seria incapaz de derrota-la. (p.443)

Natascha mantinha um diário e fazia diversas anotações sobre as agressões que sofria. Essas foram algumas das notas que fez durante três dias. E que se repetiam diversas vezes:

20 de agosto de 2005: Wolfgang me bateu pelo menos três vezes no rosto, me deu uma joelhada no cóccix umas quatro vezes e uma vez no púbis. Ele me forçou a me ajoelhar diante dele e me cortou com um chaveiro no cotovelo esquerdo, fazendo um hematoma e uma lesão com secreção amarela. Então veio a gritaria e o tormento. Seis socos na cabeça.

21 de agosto de 2005: Queixas matinais. Xingamentos sem motivo. Depois, socos e surra. Pontapés e empurões. Seis tapas no rosto, um soco na cabeça. Xingamentos e tapas no rosto, um soco na cabeça. Xingamentos e tapas, café da manhã sem cereal. Depois, escuridão lá embaixo/sem discussão/frases tolas para me manipular. E arranhou minha gengiva com o dedo. Apertou meu queixo e me estrangulou.

23 de agosto de 2005: Pelo menos 60 tapas no rosto. 10-15 socos na cabeça que me deixaram com náusea, quatro tapas com a palma da mão aberta na cabeça, um soco com toda a força na orelha direita e na mandíbula. Minha orelha ficou preta. Estrangulamento, soco no queixo, fazendo a mandíbula estalar, mais ou menos 70 golpes com o joelho no cóccix e no bumbum. Socos no cóccix e na coluna, na costela e entre os seios. Golpes com uma vassoura no cotovelo esquerdo e braço (hematoma preto-amarronzado) e no pulso esquerdo. Quatro socos no olho que me fizeram ver luzes azuis. E muito mais. (p.521-522)

O cativeiro físico de Natascha, aos poucos foi se tornando um cativeiro psicológico. Depois de alguns anos, ele começou a leva-la para o mundo externo. Levou-a para a farmácia, à loja de construções, ao shopping e certa vez até em uma viagem para esquiar. Sempre apreensivo de que ela tentasse fazer contato com as outras pessoas ou que tentasse fugir e sempre a ameaçando de diversas formas: de surra-la, de mata-la, de matar as pessoas com

quem ela tentasse falar, entre outras formas de coerção. Com frequência, ele lhe dizia que se tivesse certeza de que ela não fugiria, eles poderiam viver em paz em uma vida conjunta. E que as razões de sua incerteza eram culpa da garota. Natascha ainda lembra que toda vez que Priklopil citava alguma possibilidade de vida conjunta, ela era sempre subordinada a ele. Ele não a considerava em nenhum momento uma pessoa autônoma que tinha vontades e desejos, ela deveria apenas colaborar com a vida ideal que ele imaginava para si. Esse ponto de vista é como a sociedade patriarcal enxerga as mulheres, que lhes limita a participação autônoma, atribuindo sua existência à subordinação aos homens. Semelhante também aos romances de Hollywood onde, frequentemente, os protagonistas são homens com diversas facetas e as mulheres são apenas um suporte em suas aventuras da vida.

A prisão psicológica foi tamanha que Natascha todo o tempo pensava em uma maneira de fugir, de alertar alguém, mas se sentia paralisada. Chegou a um ponto em que já fazia tantos anos que havia sido sequestrada, que a garota achava que mesmo no caso de tentar pedir ajuda, ninguém acreditaria nela, então Priklopil poderia leva-la pra casa e castiga-la ainda mais. A garota deu-se conta de que o sequestrador não precisaria nem mais ameaçar matar as outras pessoas, elas simplesmente não acreditariam.

Uma vez, enquanto saíam pela cidade, o carro de Priklopil foi parado para verificação em uma blitz policial. Apesar da enorme tensão do sequestrador, ele conseguiu dissimular tranquilidade. O relato a seguir demonstra as aflições que se passaram na cabeça da menina, enquanto o policial pedia os documentos do raptor:

Seus olhos [do policial] fitaram os meus por um instante. Uma palavra tomou forma em minha mente [...]: *socorro!*

[...] Pisquei e revirei os olhos, como se falasse em código Morse. Deve ter parecido que eu estava tendo algum tipo de ataque. Mas era apenas um SOS desesperado, comunicado pelas pálpebras de uma adolescente magricela no banco do carona de uma caminhonete branca.

Um turbilhão de pensamentos me passou pela cabeça. Talvez eu pudesse pular da caminhonete e correr. Eu poderia ir até o carro de polícia. Afinal, ele estava na minha frente. Mas o que eu diria? Será que eles me ouviriam? O que aconteceria se eles fossem embora? Priklopil me pegaria novamente, se desculparia pela cena e por sua sobrinha retardada que estava fazendo aquela confusão. E mais: uma tentativa de fuga era o que de pior eu poderia fazer. Se eu falhasse, não ia querer nem imaginar o que o sequestrador reservaria para mim. Mas o que aconteceria se funcionasse? (KAMPUSH, 2010, p.538-540)

Todas as situações em que passou onde teve algum contato com outras pessoas, essas milhares de coisas passavam por sua cabeça e ela não conseguia reagir. Com tanta prisão dentro de sua própria mente, Natascha necessitou de muito tempo de preparação psicológica para que conseguisse escapar.

Quando já tinha completado 18 anos, ela ajudava Priklopil a limpar e arrumar a van branca para venda na garagem de casa. A mesma van que ela havia sido sequestrada há oito anos e meio. Então o telefone do sequestrador tocou. O barulho do aspirador de pó que Natascha usava na limpeza estava impedindo-o de escutar ao telefone, então ele se afastou por um momento deixando Natascha fora de sua vista pela primeira vez. Vencendo os obstáculos dentro sua própria cabeça, a menina percebeu que o portão estava aberto. Então se atirou para fora do jardim do raptor e se pôs a correr. Com dificuldades, conseguiu chamar a polícia. Assim, finalmente, torna-se livre do cárcere. No dia seguinte descobre que Priklopil, após perceber sua fuga, se jogou nos trilhos de um trem e morreu.

3.3 Síndrome de Estocolmo como forma de controle

A mídia descreve a síndrome de Estocolmo como sendo inconsciente e que se desenvolve em situações de estresse extremo ou crônico, em que o desejo de sobrevivência da vítima cria uma esperança dentro de uma situação de perigo. O raptor é visto como fonte desta esperança, uma vez que é ele quem garante a sobrevivência da vítima ou não, dessa forma, o refém cria um sentimento de dependência através deste terror¹⁵.

A proposta inicial deste trabalho era relacionar os sintomas da síndrome de Estocolmo a uma conduta generalizada das mulheres em uma sociedade machista. Isto é, em uma analogia, as mulheres seriam a vítima e a sociedade patriarcal, o algoz. Dessa forma, buscávamos uma resposta lógica para a reprodução de discurso machista pelas mulheres. A análise de casos conhecidos como causadores de síndrome de Estocolmo – como o episódio original e o caso de Natascha Kampusch – seriam de extrema importância para refletir sobre como o psicológico da vítima funciona para que ela sobreviva a uma situação de aniquilação e ainda assim adquira uma visão positiva em relação ao algoz. Assim, poderíamos traçar um paralelo de como as mulheres reagem e os mecanismos que utilizam para sobrevivência dentro de uma sociedade patriarcal.

Para embasar a fundamentação teórica deste estudo, buscamos por publicações científicas acerca desta “patologia”. Ao buscar uma referência clínica, para analisar os fatores desencadeantes e os sintomas que a vítima apresenta, a primeira surpresa foi o fato de não haver uma única publicação que tratasse somente da síndrome, como costuma existir acerca de outras patologias, descrevendo sintomas, causas, diagnósticos e tratamentos. Depois de

¹⁵ Como a mídia descreve a síndrome: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/crime-que-originou-sindrome-de-estocolmo-completa-40-anos>

uma intensa pesquisa, averiguamos então que a síndrome de Estocolmo não se enquadra oficialmente como patologia pela psicologia e psiquiatria. Não há registros dessa síndrome no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) da Associação Psiquiátrica Americana (APA).

Descobrimos então que, fatalmente, o fator principal da analogia que guiaria este trabalho, simplesmente não existia. Porém, uma coisa ficou clara: essa descoberta poderia significar diversas coisas. Como veremos adiante.

Apesar de não haver um estudo que tratasse apenas da síndrome – basicamente porque ela não é reconhecida como patologia, - provavelmente por ser um termo conhecido no meio midiático, suscitou diversos estudos de relação entre a síndrome de Estocolmo com outros fatores: com violência doméstica (GÓMEZ, 2001), com sequestros (SCHMITT, 2013; FERREIRA-SANTOS, 2006), com vítimas de assaltos (VIEIRA NETO, 2004) e com violência de gênero (NAFS *et al*, 2005). Até então, não nos estava claro os motivos pelos quais uma síndrome, que efetivamente não existia, era pauta para tantos casos noticiados pela mídia.

Ao analisar os estudos encontrados mais profundamente – entre teses, dissertações e publicações de periódicos – percebemos que há um ponto em comum: todos tratam do estresse pós-trauma da vítima em que ela demonstra uma visão positiva em relação ao agressor.

Schmitt citando Fabrique *et al* (2007), diz que professores e psicólogos do Departamento de Polícia dos Estados Unidos, afirmam que:

[...] a “Síndrome de Estocolmo” (S.E.), seria um fenômeno psicológico paradoxal, em que um vínculo positivo entre refém e captor ocorre, e que parece irracional frente à assustadora situação experimentada pela vítima, sendo, portanto, uma tentativa de sobrevivência do sujeito por meio da regressão do ego. (SCHMITT, 2013, p.13)

Já Gómez, cita que os estudos de Graham *et al* na Universidade de Cincinnati em 1995, concluíram que:

[...] a síndrome é o produto de um tipo de estado dissociativo, que leva a vítima a negar a parte violenta do agressor, enquanto desenvolve um vínculo com o lado que percebe ser mais positivo, ignorando assim suas próprias necessidades e se tornando hipervigilante em relação ao agressor.¹⁶ (GÓMEZ, 1999, p.4)

De acordo com Graham (1994), algumas condições para o desenvolvimento da síndrome são: 1) A percepção de ameaça à sobrevivência da vítima e a convicção de que o

¹⁶ Trad. Nossa: [...] el síndrome es el producto de un tipo de estado disociativo que lleva a la víctima a negar la parte violenta del comportamiento del agresor mientras desarrolla un vínculo con el lado que percibe más positivo, ignorando así sus propias necesidades y volviéndose hipervigilante ante las de su agresor.

captor pode levar a ameaça a termo; 2) A percepção da impossibilidade de escapar, ou pelas limitações físicas por si só (estar presa em uma jaula, ou acorrentada), ou pelo medo das consequências caso consiga fugir (ameaça de que terminará morta ou que a família morra); 3) A percepção por parte da vítima de alguma pequena gentileza do captor em um contexto de terror, mesmo que essa gentileza seja não mata-lo ou a súbita ausência de violência; 4) Isolamento em relação ao mundo externo, onde não ficará sob outras perspectivas que não as do captor.

Embora essas quatro condições sejam consideradas necessárias para o desenvolvimento da síndrome, provavelmente elas não são suficientes. [...] outras condições necessárias possivelmente são aquelas que encorajam humanização, que promovem interações e reduzam as distâncias psicológicas entre o captor e o refém, e em que o principal desejo do refém seja sobreviver¹⁷. (GRAHAM, 1994, p.33)

Analizando as situações em que passaram os reféns do roubo a banco e de Natascha Kampusch, podemos assumir que a forma como agiram poderia se passar por um modo de sobrevivência consciente. No decorrer da leitura de 3096, Natascha declara que se adaptava ao agressor da mesma forma que alguém se adapta a costumes diferentes em um país que nada conhece. Natascha diz que:

Para quem nunca esteve em uma situação extrema de opressão, pode ser difícil entender, mas hoje tenho orgulho de dizer que consegui dar um passo na direção do homem que tirou tudo de mim. Porque esse passo salvou minha vida, mesmo que eu tivesse de dedicar cada vez mais energia para manter esse "acesso positivo" ao sequestrador. (KAMPUSCH, 2010, p.207)

Percebemos através dos diversos eventos citados sobre o caso do roubo ao banco de Estocolmo e o sequestro de Natascha, situações em que havia sinais claros de violência: como apontar arma para cabeça, atar explosivos aos pés da vítima, espancar, obrigar a realizar trabalhos braçais. Porém, havia também sinais de gentileza, como afagar, consolar, dividir as pêras igualmente, comemorar natais e dar presentes. As demonstrações de gentileza foram as situações em que os reféns se apegavam mais facilmente e sentiam-se extremamente agradecidos. Apegar-se aos momentos felizes se torna uma forma de sobreviver às situações horrentas.

Autores como Schmitt (2013) e Graham (1994) indicam que, no caso do roubo ao banco, todos os reféns podem ter desenvolvido uma espécie de síndrome de Estocolmo. Porém, Gómez (2001) ignora os outros reféns e considera apenas Kristin Ehnmark como a

¹⁷ Trad. Nossa: *Although these four conditions are thought necessary to the development of the syndrome, they are probably not sufficient. [...] Other necessary conditions may be those encouraging humanization, those promoting interaction and reducing the psychological distance between captor and captive, and the captive's wanting foremost to survive.*

primeira pessoa assinalada com a síndrome. Se considerarmos que a síndrome é uma reação positiva em relação ao agressor, então é possível que todos os reféns tenham desenvolvido a síndrome, em maior ou menor escala.

Graham observa em outro caso de assalto a um prédio das Forças Armadas, em que um criminoso fez sete reféns. Ele, ao contrário de Olsson e Clark, não demonstrava tantos cuidados em relação aos prisioneiros e possuía uma personalidade volúvel – percorria a calma e a agressão de modo imprevisível e assustador. Uma das reféns foi denominada pelo algoz como “minha secretária” e assim teria de ajudá-lo no que precisasse. Neste caso, a única das sete pessoas que relatou opiniões positivas em relação ao assaltante foi a “secretária”.

A “secretária”, ao contrário dos outros seis, apresentou sentimentos de compaixão, simpatia, pena e amizade para com o assaltante. Foi também a única a lamentar sua morte no final do episódio e demonstrar raiva pelas autoridades não facilitarem as negociações. Wesselius and DeSarno (apud Graham) acreditam que isso ocorreu por ela ter passado mais tempo com o assaltante e tido contato com seu lado positivo. Por exemplo, ao chama-la de “minha secretária” implica que ela é importante para ele e vai ajuda-lo.

Todos os reféns [do assalto ao prédio das Forças Armadas] revelaram sintomas de Transtorno do Estresse Pós-Traumático, caracterizados por insônia, pesadelos, flashbacks, forte reações de alarme, desconfiança em relação aos outros, irritabilidade, depressão, nervosismo, etc. Muitos revelaram a experiência como irreal, enquanto ocorria¹⁸. (GRAHAM, 1994, p.15)

Algumas distorções cognitivas levam a vítima a negar a violência e/ou as ameaças de violência, nega sua raiva do captor a si própria, ao captor e a terceiros; a vítima demonstra hipersensibilidade às necessidades do algoz e procura mantê-lo satisfeito – a fim de aumentar as chances de ele permitir que viva (GRAHAM, 1994).

Fatores parecidos com os citados anteriormente que possibilitam a suposta síndrome podem ser identificados em mulheres que sofrem abusos e violências cometidos por seus parceiros. Em mais de 70% dos casos de violência doméstica, as mulheres permanecem vítimas desses abusos durante muitos anos e não denunciam os agressores¹⁹. Gómez (2001) acredita que há três principais fatores que influenciam no silêncio da mulher que sofre maus tratos, combinados ou sozinhos, com influência ou não de distorções cognitivas. São eles: 1) diversos processos paralisantes gerados e mantidos pelo medo; 2) a ausência da possibilidade

¹⁸ Trad. Nossa: *All hostages revealed symptoms of Post-Traumatic Stress Disorder, characterized by insomnia, nightmares, flashbacks, strong startle responses, distrust of others, irritability, anhedonia, jitteriness, etc. Many experienced the event as unreal when it was happening.*

¹⁹ Mulheres vítimas não denunciam violência: <http://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-70-das-mulheres-vitimas-de-violencia-nao-denunciam-crime-diz-pesquisa-no-rio-16561195>

de escapar, na percepção da vítima; 3) poucos recursos alternativos e que, por diversos motivos, não contam com apoio externo viável (p.8-9).

No entanto, não há poucas ocasiões em que se observa mulheres a quem suponhamos uma independência pessoal ou econômica e possibilidade de acesso a recursos, que continuam em relações íntimas onde sofrem violência. Essas mulheres desenvolvem atividades sociais ou profissionais e não sugerem às pessoas próximas estarem paralisadas pelo medo. Inclusive parecem ter êxito em iniciativas de vários âmbitos de suas vidas. Parecem, porém, incapazes de denunciar seus agressores, com quem seguem convivendo, e muito menos de abandonar a relação.²⁰ (GÓMEZ, 2001, p.9)

Tanto no caso dos reféns do banco, a refém chamada de “secretária”, como nas vítimas de violência doméstica, em todos os casos as vítimas criaram vínculos afetivos aparentemente contraditórios com seus agressores (GRAHAM, 1994; GÓMEZ, 1999; GÓMEZ, 2001; SCHMITT, 2013).

Graham (1994) analisa prioritariamente casos de mulheres vítimas de abuso de seus companheiros, porém, ainda reconheceu ligações paradoxais entre vítima e agressor em outras oito situações: prisioneiros de campos de concentração, membros de cultos, civis em prisões na China comunista, prostitutas em relação a seus cafetões, vítimas de incesto, crianças abusadas fisicamente ou psicologicamente, prisioneiros de guerra e reféns por si só (como no caso de sequestros).

Vieira Neto diz que existiram ao longo da história diversas nomenclaturas para essas relações paradoxais, dependendo do enfoque do estudo sobre quem era a vítima e quem era o agressor. Por exemplo, em tempos de traumas pós-guerras mundiais, utilizavam termos como “Neurose de Guerra” e “Síndrome dos Campos de Concentração”. Com advento do movimento feminista e denúncias de ataques sexuais, o termo usado foi “Síndrome do Trauma de Estupro”. A “síndrome de Estocolmo” ficou conhecida após o evento do roubo ao banco em Estocolmo. E todas essas nomenclaturas poderiam se resumir ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (VIEIRA NETO, 2004; GÓMEZ, 1999). Transtorno este que, finalmente, é reconhecido oficialmente como patologia pelo DSM-V.

Diante disso, alguns autores optam por analisar a psicologia do trauma, focando na psiquê da vítima, utilizando outros termos como o “Transtorno do Estresse Pós-Traumático”

²⁰ Trad. Nossa: *Sin embargo, en no pocas ocasiones se observa que mujeres a quienes se supone una independencia personal o económica y una posibilidad de acceso a recursos continúan en relaciones íntimas donde sufren violencia. Estas mujeres, que desarrollan actividades sociales o profesionales que sugieren a su entorno inmediato que no están paralizadas por el miedo, o que incluso llegan a emprender con éxito iniciativas en varios âmbitos de sus vidas, parecen sin embargo incapaces de denunciar a sus agresores, con quienes siguen conviviendo, y mucho menos de abandonar la relación.*

em Vieira Neto e Ferreira-Santos, “Síndrome de Adaptação Paradoxal²¹” para Gómez, “Teoria da Sedução Generalizada” para Schmitt e “Teoria Emergente” em Nafs *et al.* Graham, apesar de reconhecer as questões clínicas acerca da síndrome de Estocolmo, ainda opta por manter a utilização deste termo. Provavelmente o faz por ser o único estudo, dentre os citados, que relaciona a síndrome a uma questão sociológica e cultural. Ao passo que os outros estudos têm enfoque apenas nas reações psicológicas da vítima e sua relação aparentemente contraditória com o agressor.

No entanto, os nove casos citados por Graham não listam situações de síndrome de Estocolmo, mas sim de ligações afetivas entre vítimas de agressores. O que sugere que relações paradoxais entre vítima e agressor parecem ser mais regra do que exceção (GÓMEZ, 2001). E “a aparente natureza desse fenômeno indica que uma ligação com um abusador (Síndrome de Estocolmo) é instintiva e toma uma função de sobrevivência dos reféns que são vítimas de abuso interpessoal crônico²²” (GRAHAM, 1994, p.31).

Graham então não trata da síndrome de Estocolmo como uma patologia, e nem considera que seja desenvolvida inconscientemente por uma vítima de violência por período prolongado. Ela utiliza essa terminologia para falar de ligações paradoxais entre vítima e agressor que não são necessariamente inconscientes. Podemos assumir que os diversos mecanismos tidos *a priori* como sintomas de síndrome de Estocolmo, são nada mais do que mecanismos de sobrevivência.

Vendo-se em uma situação em que não se pode escapar e há risco de morrer, parece natural que as pessoas ativem mecanismos que lhe permitam sobreviver. E talvez ainda mais importante – porque pode facilitar e permitir sua sobrevivência – ativem mecanismos que lhe permitam não enlouquecer.

Em um ensaio sobre os sintomas que poderiam ser descritos como síndrome de Estocolmo, Gómez (1999) diz que a percepção do refém de que há uma motivação ideológica por trás da ação criminosa, abre-se um processo de identificação da vítima com seus agressores. Isso pode ser percebido no roubo ao banco de Estocolmo, quando os reféns assumiram que os criminosos tinham determinada motivação para cometer o crime, mas que os reféns o eram por pura fatalidade do acaso, não foram propositalmente escolhidos. Natascha também percebe que Priklopil aparentava ser uma pessoa frágil e não tinha outra forma de ter a vida que idealizava, pois não tinha experiência alguma com mulheres, além de

²¹ Trad. Nossa: *Sindrome de adaptación paradójica*

²² Trad. Nossa: *The apparently pervasive nature of this phenomenon suggests that bonding to an abuser (Stockholm Syndrome) both is instinctive and plays a survival function for hostages who are victims of chronic interpersonal abuse.*

que nenhuma seria perfeita o suficiente para seus ideais distorcidos e conservadores. Assim, a única maneira de conseguir o que queria era sequestrando uma garota de 10 anos e a moldando a sua maneira. Apesar de não ser efetivamente uma motivação ideológica, compreendendo os motivos do crime, Natascha conseguia não odiar o agressor por completo. Disse ela que, se tivesse apenas o odiado, esse ódio teria lhe consumido e tirado a força de que precisava para sobreviver (KAMPUSCH, 2010, p.288).

Em ambos os casos, as vítimas possuíam uma expectativa de que os agressores as matassem. No caso de Natascha, além de matar, de violentá-la. Todavia, ao perceberem que os algozes não corresponderam a esses riscos iniciais, progressivamente sentiram possuir um contato seguro com o agressor.

Ainda assim, se as estratégias dispostas para reagir à situação de estresse tenham fracassado, se a fragmentação psicológica tenha sido tão forte e os sentimentos de inferioridade e dependência são tão pronunciados que o sujeito não é capaz de se refugiar em uma parte de seu universo afetivo para obter a segurança que lhe falta, ele recorrerá ao lugar no qual nesse momento se concentra a maior quantidade de poder: o sequestrador. A síndrome de Estocolmo então terá feito sua aparição.²³ (GÓMEZ, 1999, p.15)

No entanto, não é uma tendência natural que, ao encontrar-se isolada do mundo exterior e só ter contato com o criminoso, ele acabe se tornando uma referência para a vítima?

Natascha demonstra bastante lucidez no que concerne obedecer ao agressor, quando diz que ele era sua única ligação com o exterior. Luz, comida, livros e tudo o mais, ela só poderia obter dele, e eram coisas que ele poderia também negar-lhe a qualquer momento. O que realmente o fez, levando-a quase ao limite da subnutrição (KAMPUSCH, 2010, p.282). Portanto, ela media e tentava prever as ações de Priklopil de modo a antecipar suas necessidades e não deixa-lo insatisfeito, para que ele não lhe tirasse as coisas de que necessitava.

Priklopil ordenava que ela o elogiasse e se sentisse grata a cada boa ação que ele fazia – trazer-lhe alguma comida, dar-lhe algum livro. Dessa maneira, ela conseguia enxergar a faceta frágil e temerosa do agressor. Uma dimensão dele que queria apenas aprovação e carinho dela, ainda que ele não soubesse lidar com outra pessoa, especialmente se essa pessoa fosse uma mulher, e quisesse força-la a ser grata e satisfeita com a vida que ele estava lhe oferecendo.

²³ Trad. Nossa: *Sin embargo, si las estrategias dispuestas para hacer frente a la situación de estrés han fracasado, si la fragmentación psicológica ha sido tan fuerte y los sentimientos de inferioridad y dependencia son tan pronunciados que el sujeto no es capaz de refugiarse en una parte de su universo afectivo para obtener la seguridad que le falta, recurrirá al lugar en el cual en ese momento se concentra la mayor cantidad de poder: el secuestrador. El síndrome de Estocolmo habrá hecho su aparición.*

Hoje, percebo que era um mecanismo de proteção necessário à minha sobrevivência que eu tentasse ver o sequestrador como uma pessoa que não era necessariamente má, mas que se tornara assim no curso da vida.

Isso não diminuía, de modo algum, o que ele fizera, mas me ajudava a perdoá-lo, na medida em que imaginava que talvez ele tivesse passado por experiências terríveis - pelas quais ainda hoje estivesse sofrendo - como órfão em uma casa. (KAMPUSCH, 2010, p.287)

Importante notar que nada disso significava que ela tinha desenvolvido uma distorção cognitiva inconsciente que gerava um apreço e empatia pelo agressor. Ela confirma isso dizendo:

Mesmo cada vez mais enfraquecida pelo constante monitoramento e isolamento, eu ainda não era capaz de sentir gratidão por ele. Claro que ele não me matou nem me violentou, como eu temia e quase esperava no início. Mas eu também sabia que ele era um criminoso e que eu podia condená-lo sempre que quisesse - enfim, eu sabia que não tinha de lhe ser grata. (p.282)

Os reféns do roubo de Estocolmo aparentemente também assumiam as demonstrações de gentileza dos criminosos como forma de se manterem sãos. Natascha atribui essa aparente noção de normalidade, à necessidade de não se manter dentro de um pesadelo. “Nós, seres humanos, temos a capacidade de criar a aparência de normalidade mesmo nas circunstâncias mais anormais, para não enlouquecer” (KAMPUSCH, 2010, p.399).

O fato de a vítima culpar-se pelo ocorrido é uma forma de racionalizar o abuso – ela passa a acreditar ser capaz de controlar essa violência. E de certa forma, ela é capaz de analisar e prever situações em que o agressor possa se descontrolar e evitar que isso aconteça. Além do mais, culpar-se é uma forma de atribuir sentido a uma violência que, de fato, não faz sentido estar à mercê.

Vendo-se pelas perspectivas do agressor, as vítimas então acreditam que elas mereceram o abuso que estão sofrendo, porque é assim que os agressores percebem as coisas. Por razões parecidas, as vítimas veem os abusadores como “caras legais” e transferem a raiva e a destrutividade para a polícia – e outros que, na verdade, estão tentando libertá-los, como amigos, psicólogos, autoridades de justiça (GRAHAM, 2010, p.39). Por isso o sarcasmo de Kristin Ehnmark quando falou ao telefone com o primeiro-ministro e as diversas ocasiões em que as vítimas do roubo a banco demonstraram hostilidade para com a polícia. E quando Natascha esteve perto de um vizinho que puxava assunto com ela e Priklopil, ela sentia uma tensão tão grande vinda do raptor que se sentia ameaçada pela presença do homem, mesmo que ele pudesse significar sua salvação. Quando a vítima adquire a perspectiva do agressor e assume as lógicas do crime, realmente as figuras de salvação podem se tornar ameaçadoras, pois, somente a presença delas pode significar atitudes mais agressivas dos criminosos.

A cada novo passo da pesquisa, a síndrome de Estocolmo aparenta cada vez mais ser inexistente como patologia, o que confirma o fato de ela não se enquadrar no DSM-V. A dúvida sobre os motivos que a mídia utiliza-se do termo, mesmo diante da inexistência dela, irão se mostrar a seguir.

Natascha, após ser liberta do cativeiro, se viu dentro de uma nova forma de prisão: a imprensa e a opinião pública. Ao sair da delegacia, após concluir uma série de depoimentos, exames e reconhecimentos de que era realmente Natascha Kampusch, ela se viu sendo perseguida por fotógrafos que subiam em árvores para conseguir a primeira imagem dela. Repórteres tentavam entrar disfarçadas de enfermeiras no hospital que ela estava tendo consultas psiquiátricas e seus pais foram bombardeados com pedidos de entrevistas.

Acreditando que a mídia compreenderia a situação, Natascha concedeu entrevistas a grandes veículos de comunicação. No entanto, só depois descobriu que isso nunca seria suficiente para uma mídia ávida por histórias escabrosas. Quando a polícia investigou a casa de Priklopil e encontrou o cativeiro, jogaram as poucas coisas de Natascha, incluindo seus diários e peças de roupa, sem nenhum cuidado em uma caixa. E analisaram todos os cantos do cativeiro. Natascha observou o pequeno mundo particular em que viveu durante oito anos esmiuçado e exposto nas primeiras páginas dos jornais. Tudo o que ela havia tentado esconder, inclusive de Priklopil, foi trazido à esfera pública, que inclusive tentava impor sua própria versão da verdade (KAMPUSCH, 2010, p.643). Natascha virou parte dos noticiários igual aos que assistia na televisão, quando criança, sobre outras crianças que sofreram violência. A exploração do local, de sua vida pessoal e diversas especulações sem fundamento sobre o ocorrido parecia servir mais para criar um espetáculo do que noticiar uma tragédia. Natascha diz: “Parecia que a verdade terrível não era terrível o bastante, então eles acrescentavam coisas muito além do suportável, negando, com isso, minha autoridade como intérprete do que eu vivera” (p.645). Os noticiários então disseram que Natascha podia ter desenvolvido uma síndrome de Estocolmo.

Aparentemente, a imprensa nomeia de síndrome de Estocolmo as situações paradoxais que não compreendem. Ou então que não lhes convém entender. Porque não é de interesse público uma história cheia de nuances. E atenua a situação ter informações de que os vilões da história possam não ser tão maus assim. Ou, ao menos, não completamente maus. E que as vitimas não são umas coitadas indefesas.

O conceito de Goldstein, em Orwell, era o eterno vilão de que as pessoas necessitavam pra canalizar suas próprias antagonias. No livro, Goldstein foi um opositor do governo criado pelo próprio governo para que os cidadãos dirigessem suas raivas, mesmo que ninguém

soubesse quais os motivos que os levavam a odiá-lo. Portanto, a criação de um vilão que fosse completamente mau é aparentemente necessária em diversas narrativas, inclusive na vida real. De forma que os vilões adquiriram uma forma tão maligna que as pessoas não consigam se identificar neles. Os maus são sempre os outros.

Ademais, o termo “síndrome de Estocolmo” se mostra uma forma midiática de silenciar a vítima. De anular todas as facetas que ela possa enxergar sobre a situação que vive, sobre o algoz e até sobre si mesma. Quando não interessa à mídia que existam diversas tonalidades de cinza, em vez do preto no branco que noticia, então eles dizem que a vítima desenvolveu um transtorno. A síndrome de Estocolmo então se mostra uma outra forma de controle do indivíduo.

4 CONTROLE DO FEMININO NA MÍDIA

Tendo em vista as diversas formas de controle do feminino, voltamos à proposta inicial de analisar os casos que a princípio serviriam para exemplificar a reprodução de discurso machista pelas mulheres e refletir sobre como as formas de controle permeiam a sociedade hoje em dia.

4.1 A traição de Fabíola

No final de 2015 um caso de traição foi muito noticiado pela imprensa²⁴. O motivo foi que um amigo de um casal gravou com o celular o momento em que o marido encontrou a esposa com outro homem no estacionamento de um motel. Este vídeo foi compartilhado pelas redes sociais de forma viral. A bancária mineira Fabíola foi flagrada junto com Leo, um amigo do casal, pelo marido em um motel em Contagem, Minas Gerais. A discussão entre marido e esposa foi filmada e narrada por outro amigo ainda do sujeito traído. O vídeo mostra um marido raivoso, dando socos, pontapés e golpes com chave de roda no carro de Leo, além de agressões físicas e verbais contra a mulher.

O caso virou o assunto do momento na rede, sendo visualizado, comentado e compartilhado por centenas de milhares de internautas. Para o professor Carlos D'Andrea, especialista em mídia social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), há um certo componente de machismo da sociedade no compartilhamento de vídeos como esse.

“É uma espécie de esforço moralizador”, avaliou o professor. Para D'Andrea, o fato de o próprio marido expor o caso na rede foi a forma que ele encontrou para punir a mulher. “A humilhação pública é o castigo. Ele também vira motivo de chacota, mas na condição de vítima”, destacou. (AQUINO, 2015)

Apesar de traição não configurar crime pelo Código Penal, a exposição do caso pode render danos morais a Fabíola e a agressão do marido pode se enquadrar na Lei Maria da Penha. Os jornais sequer mencionaram o nome do sujeito, apenas o conhecemos como “o marido”. Fabíola, que não cometeu nenhum crime, é quem ganhou fama com adjetivos pejorativos.

É como se, implicitamente, a traição dele fosse menor do que a dela. O cara é homem, então tudo bem. O erro dele, no caso, não foi traír a esposa. Foi traír o amigo.

Em momento algum, o marido traído parte pra cima do cara. Quebra o carro dele, mas não encosta um dedo no fulano que destruiu sua confiança e levou sua mulher para o motel. (BRESSER, 2015)

²⁴ “Vídeo gravado dentro de motel por marido traído viraliza na internet”. Jornal O Dia. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2015-12-17/video-gravado-dentro-de-motel-por-marido-traido-viraliza-na-internet.html>

Não obstante, o amigo que gravou toda a situação aparece no vídeo na forma de uma voz fazendo chacotas sobre o ocorrido e insultando Fabíola. O marido, Leo e o amigo que fez as gravações, cada um com sua culpa e responsabilidades pelo ocorrido, saíram impunes pela lei e pelo julgamento moral da sociedade.

4.2 As fotos vazadas de Carolina Dieckmann

Em meados de 2012, a atriz brasileira Carolina Dieckmann teve fotos íntimas suas, que costumava enviar para seu marido, expostas na internet sem seu consentimento. Quatro hackers de São Paulo e Minas Gerais invadiram a conta de e-mail pessoal da atriz e conseguiram as fotos. Durante dois meses ameaçaram divulgar as fotos e pediram dez mil reais à atriz para que não o fizessem. Quando Carolina Dieckmann não cedeu à extorsão, os criminosos espalharam as fotos pela internet²⁵.

Carolina não foi a única pessoa a passar por essa situação. Existem casos de diversos famosos e anônimos que também tiveram suas fotos íntimas publicadas na internet sem consentimento. Importante notar que este fato ocorre com mais frequência em relação a mulheres do que a homens, tanto pela repercussão que causam fotos íntimas de mulheres como pela falsa simetria que prega que homens, por natureza, são autorizados a expor mulheres sem repercussões para eles.

Em uma listagem que fez o jornal *O Dia* a respeito de sete celebridades que tiveram suas fotos vazadas e expostas ao público, apenas um é homem²⁶. Curiosamente, o vazamento de fotos do único homem citado, Jonas Sulzbach, ex-participante do programa Big Brother Brasil, lhe rendeu fama e maiores oportunidades na carreira de modelo. Ao passo que para as outras seis mulheres, foram episódios vexatórios em que tiveram a intimidade exposta e foram compelidas a se explicarem publicamente.

4.3 A conivência da Acid Girl

Dentre vários blogs e portais de conteúdo para o público-alvo masculino, que tratam de assuntos em geral, como comportamento, viagens, sexo e trabalho, um em específico chama mais atenção por ter perdido sua parceria com o Portal MTV/UOL após uma postagem que

²⁵ Carolina Dieckmann fala pela 1^a vez sobre fotos e diz que espera 'justiça'. O Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/05/carolina-dieckmann-fala-pela-1-vez-sobre-roubo-de-fotos-intimas.html>

²⁶ Relembre famosos que já tiveram fotos íntimas vazadas na web. Jornal O Dia Online. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2015-09-30/relembre-famosos-que-ja-tiveram-fotos-intimas-vazadas-na-web.html>

fazia apologia ao estupro²⁷. Trata-se do *Testosterona*²⁸, um dos blogs mais acessados do Brasil com, em média, 105 mil acessos por dia. Travestido de humor, o blog evidencia machismo e misoginia quando diz que lugar de mulher é na cozinha, que mulheres não sabem dirigir, além de fazerem apologia à violência e ao estupro quando apoiam sexo com mulheres bêbadas ou desacordadas e dizem que não existe estupro conjugal, uma vez que a obrigação da mulher é “servir ao marido”. O blog conta com uma seção de envio de fotos sensuais de leitoras, que é abastecido semanalmente com o envio das fotos pelas próprias mulheres. Em uma entrevista concedida à Revista Donna, em 2010, Eduardo Mendes, o criador e editor do site, declarou que 40% das visitas ao site são de mulheres e alega que todas as postagens são de cunho humorístico. Não nega ou sequer se incomoda com a alcunha de “machista”.

Tatiane Ferreira, apelidada de Acid Girl, tornou-se a primeira colunista mulher a escrever para o *Testosterona*. Posteriormente, estabeleceu seu próprio blog, chamado *Acidez Feminina*. De acordo com a descrição que consta no blog:

O blog Acidez Feminina tem este nome, pois os assuntos tratados são desmitificados com críticas ácidas e comentários sinceros dos quais as mulheres preferem não dizer. Muitas vezes os assuntos tratados são polêmicos, exatamente porque queremos entrar num patamar de discussão que as pessoas, principalmente as mulheres, preferem evitar. (Sobre o blog Acidez Feminina)

O blog da Acid Girl, semelhante aos textos que escrevia para o *Testosterona*, trata de assuntos do cotidiano feminino: sexo, comportamento, moda, tendências. Em uma postagem de seu blog, criticando o feminismo e dizendo que ele não precisa mais existir, Acid Girl diz:

A grande verdade é que toda discussão onde existem dois lados argumentando a favor do machismo, feminismo, ou, sei lá, racismo, só faz segregar ainda mais as pessoas. Quanto menos nós discutirmos as diferenças, menos as diferenças ficarão evidenciadas.²⁹

Acid Girl demonstra uma recusa em reconhecer os impactos do racismo e machismo na sociedade e também a importância dos movimentos sociais. Para ela, aparentemente, basta não discutir sobre o assunto, que a problemática não existirá.

4.4 A recusa do feminismo de Fernanda Torres

A atriz Fernanda Torres, filha da consagrada atriz Fernanda Montenegro, escreveu um texto no site da Folha de São Paulo, em fevereiro de 2016, em uma coluna denominada

²⁷ Brasil: “Humor” Misógino em Blog Patrocinado pela MTV:
<https://pt.globalvoices.org/2012/09/19/brasil-misoginia-mtv-testosterona/>

²⁸ Testosterona: www.testosterona.blog.br
²⁹ Postagem do blog *Acidez Feminina*: <http://acidezfeminina.com.br/noticias/lily-allen-menosprega-o-feminismo/>

“Agora é que são elas”³⁰. No texto, Fernanda opina sobre machismo, feminismo e assédio. Admite ainda haver desigualdades nos dias de hoje e que o salário das mulheres ainda é menor do que homens.

No entanto, quando fala sobre ser mãe, diz que a maternidade é mais arraigada na mulher do que a paternidade é no homem. E alega que essa diferença é biológica e não cultural.

Temos um relógio biológico certeiro, que coincide com nosso período produtivo, interferindo nas decisões profissionais e pessoais. A fragilidade no emprego, a dependência dos cônjuges, a falta de liberdade de ir e vir passa pela incapacidade do feminino de se desapegar das crias. (TORRES, 2016)

No que concerne a relação dos homens, ela diz que inveja o companheirismo que eles demonstram ter entre si.

Invejo o companheirismo dos homens, o prazer que eles sentem de estarem juntos e se divertirem com qualquer bobagem. [...] Não me incomoda o machismo, confesso, talvez seja uma nostalgia de infância que carrego. (TORRES, 2016)

Ao falar de machismo, passa pelo assunto do assédio.

Minha babá era um avião de mulher, uma mulata mineira chamada Irene que causava furor onde quer que passasse. Eu ia para a escola ouvindo os homens uivando, ganindo, gemendo, nas obras, nas ruas, enquanto ela seguia orgulhosa. Sempre associei esse fenômeno à magia da Irene. O assédio não a diminuía, pelo contrário, era um poder admirável que ela possuía e que nunca cheguei a experimentar. (TORRES, 2016)

Fernanda ainda arremata o texto com as seguintes sentenças:

Apesar do talento para ser mãe, sou menos feminina do que gostaria de ser. Já beirando a idade em que nos tornamos invisíveis ao peão da obra da esquina, rejeito as campanhas anti fui fui e considero o flerte um estado de graça a ser preservado. [...] Tenho admiração pelas mulheres livres, que não conhecem o medo e são plenas na sua feminilidade.

[...] Nunca fui mulher o suficiente para chegar a ser homem.

A vitimização do discurso feminista me irrita mais do que o machismo. Fora as questões práticas e sociais, muitas vezes, a dependência, a aceitação e a sujeição da mulher partem dela mesma. Reclamar do homem é inútil. Só a mulher tem o poder de se livrar das próprias amarras, para se tornar mais mulher do que jamais pensou ser.

Um homem fêmea. (TORRES, 2016)

O texto foi extremamente criticado, causou furor nas redes sociais por feministas e pessoas do movimento negro³¹. De acordo com as críticas, Fernanda ignorou a abolição recente da escravatura e todo um histórico de luta do movimento negro quando corrobora a

³⁰ Texto de Fernanda Torres: <http://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/02/22/mulher/>

³¹ Críticas feitas por colunistas, nos links:

http://www.brasilpost.com.br/stephanie-ribeiro/fernanda-torres-perdao_b_9316776.html

http://www.brasilpost.com.br/carol-patrocino/resposta-fernanda-torres_b_9294562.html

objetificação do corpo de sua babá. Por mais que a babá demonstrasse estar orgulhosa pelos assédios sofridos na rua, ela não deixa de ser vítima dos mesmos e, por desconhecimento, está reproduzindo o discurso hegemônico. Além do modo como Fernanda se refere a ela ignorar a lógica de dominação racial, já que sugere que às negras compete a criação dos filhos das patroas, mas ignora quem cuide dos filhos da babá.

Ademais, afirmar que as diferenças entre homens e mulheres não serem culturais, mas biológicas, é uma forma de desconsiderar a estrutura de gênero. Em seu relato, sendo a favor do assédio nas ruas, que chama de flerte, Fernanda também ignora o fato de que inúmeras mulheres sofrem violências todos os dias apenas por serem mulheres, principalmente as mulheres negras. Ela adquire um discurso que, em suas posições privilegiadas, desconsidera as outras realidades que, de acordo com as estatísticas, são mais recorrentes que a dela. O companheirismo entre os homens, que Fernanda diz que não existir entre as mulheres, também é uma das consequências da dominação de gênero: estimula as mulheres a competirem por uma aceitação masculina – que também pode significar competir por uma posição em uma sociedade patriarcal, – em vez de encorajar a união para o crescimento das próprias mulheres.

Ao longo do texto, Fernanda insiste sentir-se deficiente em sua feminilidade. Ocupar uma posição econômica privilegiada e ter sucesso na carreira parecem não ser suficientes para a lógica do consumo. Às mulheres, mesmo as que ocupam posições vantajosas, é demandada uma incessante luta para aprimoramento. Mesmo que essa luta signifique andar nos círculos do sistema capitalista: tem que subir na carreira, ser bonita e feminina sem demonstrar rudeza e de preferência sem reclamar demais.

Diante das críticas e refletindo sobre as próprias afirmações, Fernanda se retratou e logo escreveu outro texto de *mea culpa*.

4.5 O que os casos dizem sobre controle da mulher

Todos os casos citados anteriormente são recentes e bastante recorrentes. Não foi apenas Carolina ou Fabíola que passaram por essas situações. E nem somente Fernanda e Acid Girl que assumem discursos antifeministas. Estes são exemplos pontuais de um pensamento generalizado. É possível perceber em todos eles a sequência de controles operam nas mulheres: autovigilância constante, controle da massa feminina e por fim, algumas ou várias das tecnologias de cerceamento que propôs McRobbie.

Fabíola traiu o marido da mesma forma que seu amante traiu a esposa. No entanto, a reação das pessoas diante dessa situação não é a mesma para ambos. Como na lógica do estupro proposto por Tiburi (2014), Fabíola parece adquirir maior responsabilidade sobre o ocorrido, assim, torna-se o maior alvo de críticas na situação.

Em comentários de leitores nos portais de notícias³² podemos observar diversas pessoas atribuindo a culpa somente à Fabíola, dizendo que se ela fosse mulher de verdade, estaria cuidando da família em vez de estar no motel. Apesar de o marido tê-la xingado e agredido, ainda lhe atribuem razão, porque era a vítima da situação. E se ele bateu, foi pouco, porque não chegou a sangrar, disseram. Chegam a atribuir a culpa pela decadência da família tradicional e pelos inúmeros divórcios da contemporaneidade às mulheres que traem. O amante, que também traiu sua esposa, não foi alvo de críticas. Inclusive saiu com fama de conquistador.

Com frequência, quando é noticiado algum caso de traição em que se dá enfoque ao homem, a mulher acaba tornando-se alvo de críticas da mesma forma. Se o homem traiu, é porque a amante é descarada e imoral, já que seduz homens casados. E sua esposa provavelmente não lhe deu assistência necessária, então ele teve de buscar em outro lugar. Novamente, nada dizem sobre o homem. O foco é sempre se a mulher se sujeitou a tal situação, qual a reação dela, o que ela deveria ter feito, o que deixou de fazer.

Carolina teve seu e-mail invadido e foi alvo de chantagem. Não cedendo à extorsão, teve suas fotos expostas ao público. E mais uma vez, como a Fabíola, as pessoas a culparam. Diversos comentários seguiam o raciocínio: ela não deveria ter deixado que suas fotos vazassem. Ou, no fundo, ela queria que as fotos vazassem, dessa forma chamaria atenção. Afinal, se ela não quisesse mesmo, teria cedido à chantagem. Ou, ela só não gostou da exposição porque não ganhou dinheiro, se tivesse ganhado teria tirado mais fotografias. Ou então, ela não deveria sequer ter tirado essas fotos³³. As pessoas, entre homens e mulheres, ignoram o fato de que ela, e qualquer outra pessoa, pode sim tirar foto de seu corpo e enviar para quem quiser. O crime, neste caso, não foi da Carolina. Foi a invasão à sua conta de e-mail pessoal, a chantagem e a exposição não consentida das fotos. O fato de ela aceitar ou não

³² Vide os comentários nas notícias:

<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2015-12-17/video-gravado-dentro-de-motel-por-marido-traido-viraliza-na-internet.html>

<http://entretenimento.r7.com/blogs/blog-da-db/foi-fazer-a-unha-fabiola-nao-tem-bonzinho-no-quebra-pau-no-motel-por-traicao-20151216/>

<http://vejasport.abril.com.br/blogs/sexo-e-a-cidade/2015/12/16/consequencias-video-viral-traicao-fabiola/>

³³ Vide os comentários na notícia: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/05/carolina-dieckmann-fala-pela-1-vez-sobre-roubo-de-fotos-intimas.html>

posar para uma revista masculina, não interfere no fato de que ela foi vítima de fotos expostas sem consentimento e que isto está errado.

E qual seria a lógica que permeia as mulheres que buscam aceitação dos homens ao enviar fotos sensuais próprias para um blog de conteúdo assumidamente machista? Aparentemente, esses homens criticam tanto as condutas femininas em suas postagens, que elas precisam afirmar uma aceitação. Importante perceber que Carolina foi atacada ao ter suas fotos vazadas, mesmo que não tenha sido sua culpa, e essas mulheres enviam fotos por vontade própria para este blog. Os mesmos homens que acham que Carolina não deveria sequer ter tirados essas fotografias para não correr o risco que vazasse, são os mesmos que aplaudem as fotos das mulheres enviadas para o site. Não seria essa uma lógica tão paradoxal como a síndrome de Estocolmo se apresenta? Tão paradoxal como a lógica do estupro? Tão paradoxal quanto um Jonas Sulzbach se aproveitar da fama gerada por suas fotos íntimas, enquanto para mulheres é uma invasão?

A lógica é do poder: os aplausos são diante de nuas indefesas. Para os homens parece ser uma questão de fatalidade e escolha. Se eles são cobrados por uma presença indesejada, é como se dissessem que se o outro não quiser, o problema é dele. À imprensa não é conveniente absorver as ambiguidades das situações, de modo que silencia a vítima e taxa-a como transtornada por uma síndrome de Estocolmo, assim como não absorve a mesma situação sendo protagonizada por ambos os gêneros. Aos homens é concedida a possibilidade de escolhas, mas o mesmo não ocorre para as mulheres. Em uma sociedade controlada, a lógica de consumo dita a objetificação das mulheres, o corpo nu da mulher é considerado mercadoria, ao passo que os homens se mantêm sujeitos.

Se há uma síndrome de Estocolmo que não é uma patologia, mas sim um mecanismo de defesa que atua para sobrevivência em situações de perigo, então poderíamos dizer que no caso das mulheres que criticam Fabíola e Carolina, corroboram o pensamento patriarcal que as mulheres devem se cuidar para não se tornar vítimas. Culpar a vítima é uma forma de acreditar que, se não adquirir a mesma conduta das mulheres massacradas, então talvez você possa não passar pela mesma violência ou pelo mesmo constrangimento.

Dentro desta sociedade que vigia todos seus passos e julga suas condutas como certas ou erradas – de acordo com uma paleta controversa de valores morais – e que pode te punir a todo instante por uma atitude considerada errada, não se assemelha à situação de Natascha Kampusch dentro do cativeiro de Priklopil? Não seria natural que as mulheres buscassem andar na linha e “jogar o jogo” da hegemonia para não sofrerem represálias, visto que não há como escapar do patriarcado? A princípio, essa conduta seria consciente: por exemplo, a

mulher sai na rua com uma bermuda curta e atrai olhares lascivos e comentários maliciosos de homens. Enojada e em diversos casos até amedrontada, ela evita sair com roupas curtas. E esse pensamento se torna tão comum que acaba sendo automático. Inconsciente. Ou seja, em alguns momentos, quando o feminismo não faz parte dos discursos possíveis, parece que a tese inicial deste trabalho sobre a síndrome de Estocolmo se comprova: existe uma síndrome pela qual o medo e a vontade de agradar conduzem a uma simpatia com a opressão.

Já Fernanda Torres e Acid Girl adquirem o discurso pós-feminista. Para elas, a igualdade já está alcançada, portanto as reclamações que se seguem são apenas fruto da falta de esforço das mulheres, no que McRobbie chamou de nova meritocracia. Falar sobre desigualdades seria desnecessário, só aumentaria os conflitos, de nada adianta, quando não é pura chateação. As duas mulheres em seus discursos e comportamentos endossam os quatro espaços de atenção propostos por McRobbie. Na forma de mascarada pós-feministas, elas reforçam o pensamento de que mulheres não precisam mais ser masculinas para serem capazes de realizar atividades masculinas, mas precisam afirmar sua feminilidade. O ideal seria que as mulheres conseguissem fazer o que os homens fazem, mas mantendo a delicadeza – Fernanda Torres o faz quando coloca a feminilidade como algo a ser alcançado e Acid Girl quando, além de tudo, diz que seu blog existe para lembrar as mulheres de depilar seus buços. Na forma da garota fálica, quando alegam falar de sexo abertamente e que são livres sexualmente. Da working girl, em que endossam a necessidade de maternidade das mulheres, ao passo que acreditam que todas as mulheres podem chegar ao topo se trabalharem o suficiente. E na garota global, quando reiteram a hegemonia racial e o consumismo global, já que, curiosamente, ambas seguem o padrão de beleza eurocêntrico e são de classe média alta.

Se o feminismo já estivesse superado, Fernanda Torres e Acid Girl seriam exemplos do pós-feminismo de que as mulheres são capazes de alcançar o mesmo patamar dos homens e nenhuma luta mais seria necessária. No entanto, para isso, há de se ignorar toda uma questão racial e social oculta. Se Fernanda Torres fosse de outra etnia ou viesse de uma classe social mais baixa e se Acid Girl discordasse das regras da produção da feminilidade machistas, será que elas estariam ocupando esses lugares de destaque?

Fernanda Torres ainda evidencia a natureza da mulher de ser *o outro* em relação ao homem, como coloca Beauvoir, quando sugere que uma mulher livre de suas amarras é *um homem fêmea*. Ainda nos dias de hoje, valorizar uma mulher ainda é compará-la a um homem. Em um sistema binário, a mulher é sempre o que não é o homem. Enquanto a mulher não adquirir uma figura independente enquanto mulher, não podemos dizer que o feminismo está ultrapassado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou-se com o propósito de fazer uma analogia entre a reprodução do machismo nas mulheres e uma síndrome de Estocolmo generalizada, de forma que pudéssemos compreender alguns mecanismos de controle que permeiam nossa sociedade e sugerir um padrão para comportamentos paradoxais de gênero que transparecem nas mídias.

De início, refletimos sobre como o controle age na sociedade e nos indivíduos. Através da teoria das desigualdades de Rousseau, delineamos que todos os seres humanos são naturalmente iguais, independente de gênero, envergadura ou força, já que dispomos de inteligência. Portanto, as distinções de gênero – como as outras desigualdades sociais, sejam de etnia, credo, sexualidade, – e a dominação de um grupo sobre outro foram fruto de toda uma transformação histórica. Após o advento da propriedade privada, começaram a surgir os primeiros traços de dominação e acúmulo de bens. Com Foucault e Deleuze, constatamos de que maneira o indivíduo internaliza o controle e como toda uma sociedade pode funcionar como controladora. A autovigilância se mostra fundamental para garantir a manutenção desse controle, principalmente quando se é necessário transpor barreiras físicas para assegurar a docilidade dos indivíduos. Assim, as estruturas sociais e a soberania de determinados grupos são essenciais para que funcione a engrenagem do capitalismo. Ademais, essa engrenagem funciona com maior eficácia quando os próprios grupos oprimidos passam a endossar a supremacia vigente, o que propõe McRobbie com seus quatro mecanismos de restrição do feminino. Ainda com McRobbie foi possível perceber que mesmo que as mulheres tenham sido oprimidas ao longo da história e o movimento feminista tenha tomado forma para quebrar as regras de gênero e conquistar maiores liberdades, ainda surgem diversas movimentações contrárias que se mascaram de liberdades, mas escondem reações de retrocesso. Essas reações se travestem de novas possibilidades para o feminino, mas reforçam estereótipos estéticos, a hegemonia trabalhista e sexual e corroboram as lógicas de consumo. Como um ciclo que se reutiliza das liberdades conquistadas para criar novas repressões.

Ao longo da pesquisa, foram realizadas diversas descobertas. A síndrome de Estocolmo, como patologia, não existe. Então talvez a analogia principal, que deu origem a este, trabalho caísse por terra, ainda que fosse possível relacionar os comportamentos de gênero com o estudo do controle social. No entanto, no decorrer do exame de casos divulgados pela imprensa como resultantes de síndrome de Estocolmo – o episódio inicial do roubo ao banco de Estocolmo e a história do cárcere de Natascha Kampusch, – percebemos

que existe um interesse moral e comercial da mídia em noticiar que vítimas de determinadas violências tenham desenvolvido alguma espécie de transtorno, como esta síndrome.

A síndrome de Estocolmo então se mostrou tendo duas faces, que acabam sendo complementares: em uma delas, a síndrome é um conjunto de comportamentos e modos de pensar conscientes de sobrevivência em um cenário de perigo que seja impossível de escapar – seja em uma situação de sequestro propriamente dita, ou até mesmo uma sociedade que conserva valores que priorizam a vida de uns em detrimento de outros, como na sociedade patriarcal. Essas medidas conscientes acabam se tornando inconscientes devido às agressões ininterruptas, mesmo que sutis, de maneira que os procedimentos de proteção convertem-se em obra do costume. A outra face é a utilização do termo “síndrome de Estocolmo” pela mídia para justificar comportamentos em que a vítima de algum tipo de violência manifesta opiniões positivas em relação ao seu agressor. Quando a imprensa não comprehende ou ardilosamente oculta as diversas facetas que uma história pode conter, ela utiliza este termo como uma forma de silenciar a vítima.

Faz parte de uma sociedade de controle e pós-moderna que existam vilões tão maus a ponto de não haver nenhuma maneira de nos identificarmos com eles. Retirar as dimensões de histórias, situações e pessoas é uma maneira de tornar o mal um fator absoluto. Ao se recusar a divulgar o ponto de vista de Natascha Kampusch, a mídia nega a possibilidade do criminoso se parecer com as pessoas comuns. Ele se torna um indivíduo sem história, sem receios, sem traumas, sem demonstrações de gentileza, ele é apenas o sujeito mau. Isso torna todas as pessoas homogêneas, onde o mal se torna uma entidade que não adquire a face de nenhum de nós. E essa união de sentidos que causa transbordamento ao mesmo tempo em que esvazia seus conteúdos é uma característica do pós-modernismo. A crise identitária trazida com a globalização que suprime a solidez das paisagens culturais de gênero, classe e etnia, trazem ao indivíduo a capacidade de adquirir e abandonar as diversas identidades, dependendo do contexto em que se insere. Dessa forma, esvaziando as identidades, os conceitos de machismo ou racismo se tornam solúveis. Adquire-se o discurso de os vilões são os outros. Os que cometem algum crime, alguma injúria, só podem ser malucos ou doentes e não têm nenhuma semelhança conosco. Diante disso, as manifestações contra atitudes ou palavras racistas e machistas que as pessoas possam cometer, tornam-se tempestade em copo d’água, afinal, se quem proferiu as palavras não tem a forma de monstro, então não há de ser nada de mais. Ainda que, na realidade, os vilões sejam muito mais parecidos conosco do que imaginamos. Todos os seres humanos então adquirem o mesmo patamar e se diferem apenas através de uma dissimulada meritocracia.

As diversas formas de controle social, seja na forma de autovigilância, seja na forma de controle de massa, são convenientes para um sistema onde o que prevalece é o valor do mercado. Em um mundo onde tudo parece paradoxal, torna-se mais fácil esvaziar os significados e centrar-se na única lógica vigente: a do consumismo. Esta estrutura fica ainda mais clara quando refletimos sobre os exemplos atuais de mulheres reproduzindo discursos machistas ou quando percebemos as falsas simetrias no tratamento de gêneros. Se o interesse mercadológico do dominante é manter o *status quo*, então é essa a lógica que será seguida: quando as mulheres endossam o discurso pós-feminista, acreditando que estão a favor das liberdades individuais, mas nada mais fazem do que reafirmar a estrutura hegemônica. O discurso machista é fruto do desconhecimento de papéis possíveis a serem ocupados na sociedade – ou é assumir que já existem papéis muito específicos a serem atribuídos. Assim, ir de encontro ao pensamento hegemônico é sair da bolha de normalidade do cativeiro e ficar a mercê das pancadas sociais. Ou seja, a reprodução de discurso machista é também uma forma de proteção, uma medida de sobrevivência. É seguir a ilusão de que as mulheres podem se equiparar aos homens, desde que sigam a cartilha controversa da lógica capitalista.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* I. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

AQUINO, Wilson. *Vídeo gravado dentro de motel por marido traído viraliza na Internet*. Jornal O Dia Online. 17 dez. 2015. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2015-12-17/video-gravado-dentro-de-motel-por-marido-traido-viraliza-na-internet.html> (Acessado em: 11/02/2016)

BAPTISTA, Mauro Rocha. *Notas Sobre o Conceito de Vida em Giorgio Agamben*. Profanações Ano 1, n. 1. Barbacena: UEMG, 2014.

BAROU, Jean Pierre. *O Olho do Poder*. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 1984.

BEAUVIOIR, Simone. *O Segundo Sexo: Fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRASIL: “Humor” Misógino em Blog Patrocinado pela MTV. Global Voices. 2012. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2012/09/19/brasil-misoginia-mtv-testosterona/> (Acessado em: 21/02/2016)

BRESSER, Deborah. “*Foi fazer a unha, Fabíola?*” *Não tem bonzinho no quebra pau no motel por traição*. Blog da DB, Portal R7. 16 dez. 2015. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/blogs/blog-da-db/foi-fazer-a-unha-fabiola-nao-tem-bonzinho-no-quebra-pau-no-motel-por-traicao-20151216/> (Acessado em: 11/02/2016)

CAROLINA Dieckmann fala pela 1ª vez sobre fotos e diz que espera 'justiça'. O Globo. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/05/carolina-dieckmann-fala-pela-1-vez-sobre-roubo-de-fotos-intimas.html> (Acessado em: 23/02/2016)

CARVALHO, Paulo Roberto de. *Mídia e controle: implicações para a subjetividade contemporânea*. Revista Espaço Acadêmico, v. 12, n. 136. Maringá: UEM, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/18401/9707> (Acessado em: 15/01/2016).

CRIME que originou "Síndrome de Estocolmo" completa 40 anos. Exame. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/crime-que-originou-sindrome-de-estocolmo-completa-40-anos> (Acessado em: 02/06/2014)

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum Sobre as Sociedades de Controle*, in: Conversações. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

DURKHEIM, Émile. *O que é fato social?* In: As Regras do Método Sociológico. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1972.

ESTUDO analisa casos notificados de estupro. IPEA. 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21849 (Acessado em: 06/01/2016)

EU não perdoa a Fernanda Torres. Brasil Post. 2016. Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/stephanie-ribeiro/fernanda-torres-perdido_b_9316776.html (Acessado em: 26/02/2016)

FERREIRA-SANTOS, Eduardo. *Transtorno de estresse pós-traumático em vítimas de sequestro*. Tese de psiquiatria. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O Olho do Poder*. In: A Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 1979.
 _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Em defesa da sociedade*: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GENDER Inequality in Film. New York Film Academy. 2013. Disponível em: <http://www.nyfa.edu/film-school-blog/gender-inequality-in-film/> (Acessado em: 23/04/2015)

GOOGLE é a melhor empresa para trabalhar no Brasil em 2013. Exame. 2013. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/google-e-a-melhor-empresa-para-trabalhar-em-2013> (Acessado em: 27/02/2016)

GÓMEZ, Andrés Montero. *Psicopatología Del Síndrome De Estocolmo: Ensayo De Un Modelo Etiológico*. Ciencia policial: Revista del Instituto de Estudios de Policía, 51. Uruguay, 1999.

_____. *Síndrome de adaptación paradójica a la violencia doméstica: una propuesta teórica*. Clínica y Salud, V. 12, N. 1. Madrid: Colegio Oficial de Psicólogos de Madrid, 2001.

GRAHAM, Dee; et al. *Loving to Survive: Sexual Terror, Men's Violence and Women's Lives*. Nova Iorque: New York University Press, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2010.

HERMAN, Judith. *Prefácio*. In: KAMPUSCH, Natascha. *3096 dias*. Campinas: Verus, 2010.

JENNIFER Lawrence: "Why Do I Make Less Than My Male Co-Stars?" Lenny Letter. 2015. Disponível em: <http://www.lennyletter.com/work/a147/jennifer-lawrence-why-do-i-make-less-than-my-male-costars/> (Acessado em: 02/01/2016)

KAMPUSCH, Natascha. *3096 dias*. Campinas: Verus, 2010. Versão digital disponível em: http://static.tumblr.com/mbefozw/ICGmkonuj/3096_dias.pdf (Acessado em: 27/11/2015).

MACHADO, Roberto. *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 1984.

MAIS de 70% das mulheres vítimas de violência não denunciam crime, diz pesquisa no Rio. O Globo. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-70-das-mulheres-vitimas-de-violencia-nao-denunciam-crime-diz-pesquisa-no-rio-16561195> (Acessado em: 21/12/2015)

MAPA da Violência: Homicídios de mulheres negras crescem 54% em dez anos no Brasil. Revista Fórum. 2015. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2015/11/09/mapa-da-violencia-homicidios-de-mulheres-negras-crescem-54-em-dez-anos-no-brasil/> (Acessado em: 12/11/2015)

McROBBIE, Angela. *Quatro tecnologias da juventude feminina*. Revista Z Cultural, Ano VIII, N. 2. Rio de Janeiro: PACC-UFRJ, 2013.
Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/quatro-tecnologias-da-identidade-juvenil-feminina/> (Acessado em: 14/11/2015).

_____. *Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero*. In: CURRAN, James; MORLEY, David. *Media and Cultural Theory*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2006. Disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/mcrobbie_posfeminismo.pdf (Acessado em: 15/02/2016)

MORGANTE, Mirela Marin. *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico*. Anais do XVI Encontro Regional de História: Saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/> (Acessado em: 04/11/2015)

MULHER. Folha de São Paulo. 2016. Disponível em: <http://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/02/22/mulher/> (Acessado em: 23/02/2016)

MULHERES na política. Portal Brasil. 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica> (Acessado em: 14/02/2016)

NAFS, Antonio Escudero; et al. *La persuasión coercitiva, modelo explicativo del mantenimiento de las mujeres en una situación de violencia de género*. Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq. N. 95. Madri, 2005. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-57352005000300006&lng=es&nrm=iso (Acessado em: 10/02/2016).

NATASCHA Kampusch estréia como apresentadora de TV. Observatório da Imprensa. 2008. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/natascha-kampusch-estreia-como-apresentadora-de-tv/> (Acessado em: 23/02/2016).

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PESQUISA mostra que mulheres se saem melhor na indústria do cinema independente. UOL. 2013. Disponível em: <http://cinema.uol.com.br/noticias/ap/2013/01/21/pesquisa-mostra-que-mulheres-se-saem-melhor-na-industria-do-cinema-independente.htm> (Acessado em: 02/02/2016)

MAIS de 70% das mulheres vítimas de violência não denunciam crime, diz pesquisa no Rio. O Globo. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-70-das-mulheres-vitimas-de-violencia-nao-denunciam-crime-diz-pesquisa-no-rio-16561195> (Acessado em: 09/02/2016)

REFÉM: uma resposta a Fernanda Torres. Brasil Post. 2016. Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/carol-patrocínio/resposta-fernanda-torres_b_9294562.html (Acessado em: 23/02/2016)

RELEMBRE famosos que já tiveram fotos íntimas vazadas na web. Jornal O Dia Online. 2015. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2015-09-30/relembre-famosos-que-ja-tiveram-fotos-intimas-vazadas-na-web.html> (Acessado em: 27/02/2016)

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens* São Paulo: L&PM Pocket, 2008.

SCHMITT, Lara Stresser. *Sequestro de meninas e Síndrome de Estocolmo: cativeiro, trauma e tradução*. Dissertação em psicologia. Maringá: UEM, 2013.

SOARES, Ana Carolina. “As consequências do vídeo viral da traição de Fabiola”. Veja São Paulo. 16 dez. 2015. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/sexo-e-a-cidade/2015/12/16/consequencias-video-viral-traicao-fabiola/> (Acessado em: 11/02/2016)

SUB-REPRESENTAÇÃO feminina no Congresso afeta direitos sociais da mulher. Carta Capital. 2015. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/sub-representacao-feminina-no-congresso-afeta-direitos-sociais-da-mulher-4112.html> (Acessado em: 05/02/2016)

TERRELL, Josh; et al. *Gender Bias in Open Source: Pull Request Acceptance of Women Versus Men*. EUA: PeerJ PrePrints, 2016. Disponível em: <https://peerj.com/preprints/1733.pdf> (Acessado em: 22/02/2016).

TIBURI, Marcia. *A Lógica do Estupro*. Revista Cult, 2014. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/04/logica-do-estupro/> (Acessado em: 20/08/2015).

VIOLÊNCIA e desigualdade social. El País. 2014. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/05/sociedad/1391629439_112697.html (Acessado em: 10/02/2016)

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!* São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.